



# INFORME

Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP

## **UM OLHAR MAIS ATENTO SOBRE A CULTURA E O DESENVOLVIMENTO DAS REGIÕES FRONTEIRIÇAS**

POR ALINE VICENTE MIGUEL

Na última semana de outubro, professores e alunos da Universidade de São Paulo e, mais especificamente da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, participaram de um verdadeiro intercâmbio cultural: tratava-se do seminário internacional "Fronteiras Culturais: o Espaço Urbano", organizado pelo professor Flávio Wolf de Aguiar, do Centro Angel Rama. O evento contou com a participação de alunos da graduação e doutorandos da Universidade Livre de Berlim, sob a coordenação da professora Lígia Chiappini, além de outros professores alemães desta Universidade e da Universidade de Bremen.

Ex-professora do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH, onde ainda atua na pós-graduação, Lígia ocupa a Cátedra de Literatura e Cultura Brasileira do Instituto de Estudos Latino-americanos da Universidade Livre de Berlim desde 1997. Trata-se da primeira e única desse tipo — dedicada exclusivamente à literatura (no sentido estrito e no sentido amplo) brasileira — na Alemanha.

Assim, no mês de outubro, ela veio para o Brasil como representante de três projetos: o Unibrál, o Probral e a excursão. Esta tem, como tema geral, "Mercosul: fronteiras, cultura e cidadania". O primeiro é um programa de intercâmbio entre alunos da graduação da USP e da Universidade Livre de Berlim. É um projeto interdisciplinar que abrange Teoria Literária e Sociologia, mas alunos interessados em outras áreas das Ciências Humanas, como História e Antropologia, também podem participar. O Unibrál também promove a troca de professores que ministram cursos na graduação. No mês de outubro, estiveram

## SUMÁRIO

Um olhar mais atento sobre a cultura e o desenvolvimento das regiões fronteiriças .....	1
Professor Jorge Schwartz .....	4
1º Encontro de Alunos de Pós-Graduação .....	8
Os desafios do mundo contemporâneo e as perspectivas de Oriente e América Latina .....	8

## ESPAÇO MEMÓRIA

Entrevista com Benjamin Abdala Junior .....	9
Entrevista com Emanuel Soares Garcia .....	12
Entrevista com José Geraldo Vinci de Moraes .....	14
Entrevista com Lísias Nogueira Negrão .....	16
Entrevista com Michael Löwy .....	18
Entrevista com Mario Miguel González .....	20

## DOUTORADO

Maria Cristina Vianna Kuntz .....	22
-----------------------------------	----

## PRODUÇÃO DA FACULDADE

.....	23
-------	----

aqui os professores alemães Berthold Zilly e Marcel Vejmelka. Ambos passaram duas semanas na USP para ministrar aulas no Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada. Berthold Zilly já é conhecido no Brasil, principalmente como tradutor de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Marcel teve a sua tese de doutorado orientada pela professora Lígia e, recentemente, traduziu para o alemão uma antologia com 15 textos de Antonio Candido, organizada por ela. O livro, lançado em junho na Embaixada Brasileira em Berlim, possui uma parte que enfoca a relação de Antonio Candido com a literatura alemã, mas também aborda a literatura brasileira, a latino-americana, e também a literatura em geral, além das relações entre literatura e sociedade. Quanto à recepção da obra, Marcel afirma que ainda é cedo para dizer algo. “Nós fizemos o máximo possível para que professores de outras Universidades já ficassem sabendo que iria sair uma antologia dessas. E agora temos que esperar as resenhas saírem”, afirma.

O segundo projeto, o Probral, tem como objetivo unir professores de instituições alemãs e brasileiras para que desenvolvam um projeto de pesquisa em comum. Além de professores, alunos de pós-graduação também participam. A Universidade de São Paulo e a de Berlim coordenam o Probral, cujo tema é “Fronteiras Culturais e Cultura Fronteira na Comarca Pampeana: obras exemplares”. As coordenadoras são as professoras Dras. Sandra Nitrini e Lígia Chiappini. Há também instituições associadas: na Alemanha, são as Universidades de Bremen e a Universidade Humboldt, de Berlim. Já no Brasil, os associados são a Universidade Federal do Rio Grande do Sul e o Instituto Cyro Martins, de Porto Alegre.

Esse é um projeto de literatura, mas também engloba outras manifestações culturais, como o cinema, a música e o teatro. No mês de outubro, estiveram na USP, pelo projeto Probral, os doutorandos Beatriz Pantin e Gundo Ryal Costas. Beatriz pesquisa o hibridismo, a mestiçagem, a transculturação e o debate sobre as mesclas brasileiras e latino-americanas. Já Gundo trabalha

a questão da constituição e da transgressão de fronteiras nas novelas e nos casos especiais da TV brasileira. Na Universidade de São Paulo, ambos tiveram a oportunidade de pesquisar nas bibliotecas e de debater seus projetos com os professores.

Já o tema “Mercosul: fronteiras, cultura e cidadania” diz respeito a uma excursão interdisciplinar realizada por 12 alunos de graduação da Universidade Livre de Berlim durante o mês de outubro, também coordenada pela professora Lígia. A viagem concentrou-se, basicamente, no sul do Brasil e nas regiões fronteiriças entre Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai. O roteiro incluiu lugares como Porto Alegre, Santana do Livramento, Uruguiana, Santo Ângelo, Ruínas de São Miguel (no lado brasileiro); San Ignacio (no lado argentino); e Trinidad (no lado paraguaio). Depois disso, a excursão prosseguiu até Assunção e, daí, para Cidade do Leste e Foz do Iguaçu, de onde voltaram a São Paulo. Cada um dos alunos tem um projeto de pesquisa dentro desse tema. Os assuntos são variados: o filme no Mercosul, a encenação do futebol na região, a ditadura nas literaturas brasileira, argentina e paraguaia, entre outros.

Inicialmente, em Berlim, cada um dos estudantes juntou material e fez pequenos seminários, expondo seu tema. Durante a viagem, em cada lugar visitado, foram feitas pesquisas em arquivos e bibliotecas, enquetes com o povo, entrevistas com intelectuais e especialistas. Eles também assistiram e ministraram palestras sobre Mercosul e Cultura, visitaram as missões, além de frequentarem festividades locais e entrarem em contato com estudantes, professores e autoridades municipais. Enfim, o projeto cresceu e tornou-se mais completo e complexo. Já no evento “Fronteiras Culturais: o Espaço Urbano”, do Centro Angel Rama, eles tiveram a oportunidade de apresentar suas pesquisas, bem como as principais conclusões e questionamentos.

Jelena Kafenheim, 22, pesquisa o Rio Grande do Sul e os conceitos de identidade na figura do gaúcho que existem entre Brasil, Argentina e Uruguai. Seu foco é o

## EXPEDIENTE

## UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

### REITOR:

Prof. Dr. Adolpho José Melfi

### VICE-REITOR:

Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz

### DIRETOR:

Prof. Dr. Sedi Hirano

### VICE-DIRETORA

Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini

COMITÊ EDITORIAL DO INFORME: Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini (DTLLC), Prof. Dr. Gabriel Cohn (DCP), Prof. Dr. Pablo Ruben Mariconda (DF), Profa. Dra. Zilda Márcia Gricoli Iokóí (DH), Profa. Dra. Esmeralda Vaillati Negrão (DL), Prof. Dr. Flávio Wolf de Aguiar (DLCV) e Sra. Eliana Bento da S. A. Barros (AÇÃO) - Membro Assessor. SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO: Eliana Bento da Silva AmatuZZi Barros – MTb 35814. COORDENAÇÃO: Dorli Hiroko Yamaoka – MTb 35815, PROJETO GRÁFICO: Dorli Hiroko Yamaoka, Erbert A. Silva – MTb 35870. COLABORADORES: Aline Vicente Miguel, Daniel Cantinelli Sevillano, Verônica Reis Cristo. REVISÃO: Verônica Reis Cristo. SERVIÇO DE ARTES GRÁFICAS: João Fernando Querido Salvado. IMPRESSÃO: Gráfica – FFLCH/USP. TIRAGEM: 1500 exemplares.

escritor, cantor e compositor gaúcho Victor Ramil, cujo ensaio *A estética do frio* reflete a identidade gaúcha. Segundo ele, o Rio Grande se diferencia do resto do Brasil pela distância do centro e pelo frio. Sua música tem muitos regionalismos também. “A viagem, para mim, foi um grande enriquecimento”, afirma Jelena. Em Porto Alegre, ela teve a oportunidade de entrevistar Ramil. Além disso, ela voltou com um conhecimento muito mais profundo do que significa ser gaúcho, do que é estar na comarca pampeana e a relação desta com outras áreas culturais. “Uma coisa é ler sobre o conceito de fronteiras, outra coisa é estar em uma delas, porque as fronteiras são muito diferentes umas das outras”, enfatiza Jelena, citando como exemplo a fronteira entre Foz do Iguaçu e Cidade do Leste, na qual ela esperou durante cinco horas para atravessar, enquanto que é muito mais fácil passar de Santana do Livramento para Rivera, no Uruguai. Para ela, o seminário realizado pelo Centro Angel Rama foi muito importante, pois forneceu muitas informações não só sobre o Rio Grande do Sul, mas também sobre as fronteiras, as Missões e sobre a América Latina em geral.

Outro aluno, Jan David Hauck, 23, investiga a língua guarani e o seu papel no contexto da integração regional, geográfica, social e cultural. “O Guarani não é somente um patrimônio cultural, mas também tem um aspecto social porque é falado pela gente do povo”, afirma. Jan interessou-se em estudar a região devido à fronteira lingüística entre o português e o espanhol. “Essa região recebe influências de duas culturas bem diferentes, o que não ocorre em outras regiões da América Latina, pois nas outras áreas todo mundo fala espanhol”, diz. Ele também pesquisa a identidade transnacional, que transpassa as fronteiras, focando as questões do entendimento e percepção do “outro”, do estrangeiro, que podem ser estabelecidas mediante o Guarani.

Além dos doze alunos e da professora Lígia, também participaram da viagem a doutoranda Beatriz Pantin, e as professoras Ute Hermans e Sabine Schlickers. Sabine é professora de Letras Espanholas e Hispano-americanas na Universidade de Bremen, e também é associada ao projeto Probral. Ela trabalha, atualmente, a questão da literatura gauchesca platina e brasileira.

Ainda no evento, a professora Maria Helena Martins apresentou suas pesquisas sobre as fronteiras da região sul. Além de pesquisadora do Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise Cyro Martins, ela é também parceira do Projeto Probral. Ela ressalta que pesquisar hoje a questão das fronteiras é uma necessidade, uma questão de sobrevivência cultural. “Ante as ameaças da globalização, se percebeu que a sobrevivência cultural das regiões e dos

povos só pode se dar na medida em que essas características são conhecidas, valorizadas e difundidas”, afirma.

Foi por isso que, em 2001, o Centro Cyro Martins fez uma proposta à comunidade das cidades fronteiriças de Santana do Livramento, no Rio Grande do Sul, e de Rivera, no Uruguai: tratava-se de uma pesquisa sobre a vida na fronteira. Assim, na época, foi feita uma reunião com representantes de instituições de ensino e culturais da região, com a mídia e com autoridades locais, a fim de apresentar os seguintes temas de trabalho: O que é cultura? O que é viver na fronteira? O que se conservou e o que realmente se atualizou das práticas culturais mais tradicionais?

A proposta inicial era envolver a comunidade em geral: analfabetos, letrados, escritores, profissionais liberais, donas de casa, etc. Depois, as escolas e pré-escolas da região passaram a pesquisar o tema também com os alunos, e algumas desenvolvem esse trabalho até hoje com as crianças. A mídia também encampou o projeto, o qual passou a ser divulgado nos jornais e estações de rádio dos dois países. Segundo Maria Helena, o projeto foi muito bem recebido e teve o objetivo de colaborar no desenvolvimento da população fronteiriça.

No seminário, o grupo também teve o privilégio de ouvir vários especialistas, destacando-se a aula teórica e prática (um passeio pelo centro da cidade) que o professor de geografia da USP, Francisco Capuano Scarlatto, ministrou a todos “com muita competência e disponibilidade”, segundo Lígia. Esse passeio por São Paulo ajudou a formar uma familiaridade e identificação entre os alemães e a cidade.

Lígia explica que, todo ano, no Instituto de Estudos Latino-americanos da Universidade Livre de Berlim, um grupo de alunos faz uma excursão para a América Latina. Segundo ela, os lugares mais visitados são México, América Central, Peru e, no Brasil, a preferência é pela Bahia e pela Amazônia, pois são lugares mais exóticos do ponto de vista alemão. As pessoas não se interessavam muito pelo sul do Brasil. Então, esse ano, a professora incentivou seus alunos a conhecerem essa região e a pensá-la no contexto do Mercosul, sobretudo do Mercosul cultural. A partir daí, naturalmente, eles se transformariam em formadores de opinião sobre projetos de integração sul-americana. “Eu acho que estudar a cultura do Cone-Sul, a questão fronteiriça é uma maneira de fortalecer o Mercosul. Este é um tratado econômico e político, mas há uma dimensão cultural importante que precisa ser fortalecida para que ele se viabilize de uma maneira mais cidadã, e não apenas como uma coisa de empresários e de governantes”, afirma.

Lígia também destaca que, depois da viagem, pôde perceber a importância do Paraguai no contexto da região. Para ela, sem o Paraguai não haverá Mercosul nem a sobrevivência da América Latina integrada com autonomia. “Se não pensarmos no Paraguai e não injetarmos dinheiro nesse país, qualquer projeto de integração da América Latina fracassa”, ressalta. Ela ficou muito impressionada com a fragilidade e o isolamento desse país e, ao mesmo tempo, com a afabilidade dos paraguaios em geral e com a competência de seus intelectuais. Para ela, o Brasil, sendo o país de mais recursos do bloco, deveria ajudar mais o Paraguai e demonstrar que tem a intenção de ser uma liderança positiva e não imperialista para a região. Assim, juntamente com a Argentina, o nosso país deveria esforçar-se para superar ressentimentos do passado, principalmente os da Guerra do Paraguai. Lígia afirma que esses ressentimentos são danosos para a nova cultura de integração, tão difícil de ser construída.

Ela enfatiza a importância de a viagem ter-se iniciado por São Paulo e ter terminado também aí, pois se não há Mercosul sem o Paraguai, sem essa “megacidade” também não. A professora espera que os contatos feitos durante a viagem sejam duradouros para a continuidade do intercâmbio. “A viagem foi curta, mas rica em experiências e impressões que ainda estão sendo processadas. Certamente, saiu daí uma nova visão do Brasil: a de um país menos exótico e com um lado mais latino-americano, nas suas fronteiras com Paraguai, Uruguai e Argentina”, conclui.

Em nome do grupo, Lígia aproveitou para agradecer aos professores Francisco Capuano Scarlatto e Flávio Aguiar, coordenador do evento e “animado animador da caminhada em busca dos espaços-tempos da Paulicéia

de ontem e de hoje”, finaliza.

Veja abaixo as linhas de pesquisas dos alunos de graduação da Universidade Livre de Berlim:

Tema: “Mercosul: fronteiras, cultura e cidadania”

- Diar Amin: *O filme no Mercosul.*
- Cláudia Camilo: *A encenação do futebol no interior do Mercosul, o futebol como forma de identidade.*
- Jan David Hauck: *Fronteiras idiomáticas e fronteiras no idioma – identidade e processos da integração regional no âmbito sócio-cultural do Guarani.*
- Jelena Kafenhaim: *Identidade transnacional e fronteira na literatura fronteiriça brasileira no exemplo de Victor Ramil.*
- Lasse Holler: *O Mercosul entre a ALCA e a União Europeia.*
- Tzevelina Kreuzer: *Preconceitos, estereótipos e clichês no Mercosul e suas influências no processo cultural da integração.*
- Celina Molina: *O valor da literatura contemporânea no Paraguai e sua identidade nacional no contexto do Mercosul.*
- Mirjam Rehmet: *Políticas para o teatro e teatro político no Mercosul.*
- Susanne Riedel: *A ditadura nas literaturas brasileira, argentina e paraguaia - obras de Antonio Callado, Augusto Roa Bastos e Andrés Rivera.*
- Sofie Schenkel: *A imagem da fronteira na literatura contemporânea da comarca pampeana.*
- Evelyn Schreiber: *Dimensões educacionais no Mercosul e medidas educativas de integração.*
- Caspar Nilson Wolf: *O Rádio e a construção da identidade supranacional nas mídias modernas.*

## **PROFESSOR JORGE SCHWARTZ**

POR ALINE VICENTE MIGUEL

Jorge Schwartz é professor titular aposentado do Departamento de Letras Modernas. Nessa entrevista, ele fala sobre seus principais trabalhos, como a curadoria da exposição *Brasil, da Antropofagia a Brasília*, o “museu portátil” *Caixa Modernista*, além de um projeto de interlocução entre as obras do pintor argentino Oscar Augustín Alejandro Schulz Solarí (Xul Solar) e as de artistas brasileiros como Ismael Nery.

Antes da entrevista, veja mais detalhes sobre cada um desses trabalhos:

- *Brasil, da Antropofagia a Brasília*: exposição realizada

em 2000 no Instituto Valenciano de Arte Moderna, na Espanha. Foi uma espécie de ampla retrospectiva sobre o Brasil cultural das décadas de 1920 a 1950. Assim, foram expostos 700 objetos do Brasil inteiro, numa trajetória que vai de antes da Semana de Arte Moderna, em 1922, até a construção de Brasília. A mostra contou com vários módulos: artes plásticas, cinema, arquitetura, música, presenças estrangeiras, fotografia e literatura. Jorge Schwartz, além de ter feito parte da curadoria geral, foi também curador da área de Literatura. Depois de dois anos, portanto, em

2002, a exposição foi refeita em São Paulo, no Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado – FAAP. Segundo o professor, todos os artistas mais importantes do período foram representados. Como exemplo, ele cita o grande grupo modernista composto por Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Tarsila do Amaral, Anita Malfati, entre outros, passando por Di Cavalcanti, Vicente do Rego Monteiro, Lasar Segall, chegando até Oscar Niemeyer.

- *Caixa Modernista*: Segundo Jorge, esse trabalho é um desdobramento da exposição anterior. Lançada em 2003, esse “museu portátil”, nas palavras do professor, teve o intuito de colocar à disposição do público alguns dos materiais “maravilhosos e praticamente inacessíveis” que fizeram parte do Movimento Modernista Brasileiro. Há cerca de 30 itens na caixa, como por exemplo, edições fac-símiles de *Paulicéia Desvairada*, de Mario de Andrade; e de *Pau Brasil*, de Oswald de Andrade; o programa da Semana de Arte Moderna de 1922 no Teatro Municipal; o convite e o catálogo da exposição de Tarsila do Amaral, de 07 a 15 de junho de 1926 na Galeria Percier, em Paris. Além disso, há um exemplar da *Revista de Antropofagia* nº 1, um CD de música com composições inéditas de Heitor Villa-Lobos, organizado por José Miguel Wisnick e Cacá Machado; e também uma série de cartões postais que revelam detalhes das artes da Semana, como artes plásticas, cinema e fotografia.
- *Xul Solar. Visões e Revelações*: com a curadoria de Patrícia Artundo, (Museu Xul Solar) essa mostra, presente na Pinacoteca do Estado até o dia 30 de dezembro de 2005, é uma grande retrospectiva do pintor argentino Oscar Augustín Alejandro Schulz Solari (1887-1963). Jorge Schwartz recebeu um convite para organizar uma interlocução entre Xul e os brasileiros, dentro dessa exposição. No total, são sete salas, das quais duas são dedicadas ao Brasil e deram origem à *mostra Xul / Brasil: Imaginários em diálogos*, da qual ele é curador. Esse vínculo entre Xul e alguns artistas brasileiros como Ismael Nery, Vicente do Rego Monteiro, Emiliano Di Cavalcanti, Lasar Segall e Antonio Gomide é o que o professor chama de “diálogos imaginários”. O argentino nunca esteve no Brasil, mas incorporou o país em suas obras de forma sistemática. Em seus trabalhos, há um olhar, uma reflexão intelectual e mística sobre o Brasil. Isso se reflete na língua portuguesa, na bandeira brasileira e nas narrativas sobre a

temática amazônica, elementos que estiveram presentes em suas obras.

A primeira sala da exposição é totalmente dedicada a Ismael Nery, devido às semelhanças ente os dois artistas. Jorge afirma que ambos são místicos, excêntricos e voltados para a filosofia, além de suas representações serem figurativas de experiências sobrenaturais. Já a segunda sala contempla os outros artistas citados e foi feita a partir de afinidades temáticas (cenários e tapeçarias) entre os brasileiros e Xul.

**AVM: Primeiramente, gostaria de saber um pouco sobre a sua carreira em geral: como estudante, como professor da USP e o interesse em estudar o Modernismo.**

JS: Eu sou argentino, fiz o Colégio de Aplicação da USP. Depois, eu fui para Jerusalém e fiz a minha graduação em Letras e Literatura Hispano-americana na Universidade Hebraica de Jerusalém, entre 1967 e 1970. Em 1971, eu entrei na pós graduação na USP, fiz toda a carreira com o Antonio Candido e, simultaneamente entrei como docente na área de espanhol. Minha pós graduação foi em Teoria Literária e Literatura comparada. Primeiramente, eu fiz um mestrado sobre o Murilo Rubião, um escritor mineiro dos anos de 1940 e 1950, pioneiro da narrativa fantástica. O meu interesse pelo Modernismo vem desde o doutorado: minha tese foi um estudo comparativo entre o Modernismo brasileiro e o argentino.

**AVM: Agora falando sobre a exposição *Brasil, da Antropofagia a Brasília*, que foi realizada no Instituto de Arte Moderna de Valença, na Espanha e, depois, na FAAP. Como surgiu a oportunidade de expor a cultura modernista brasileira na Espanha? Como foi a recepção do público europeu?**

JS: Olha, isso foi um fenômeno porque em 2000 não tinha Telefônica, não tinha banco Santander, não tinha nenhuma presença espanhola no Brasil. Essa exposição, na realidade, ocorreu a partir de um convite pessoal de Juan Manuel Bonet, diretor do Instituto, que conhecia meu trabalho. Ele é um grande entusiasta das vanguardas brasileiras e me ofereceu um espaço considerado excepcional. Lá a exposição durou 3 meses e aqui na FAAP, dois anos depois, também. A recepção do público europeu foi um grande sucesso, porque nunca tinha se visto na Europa algo assim tão amplo, tão vasto, que abrangesse arquitetura, música e outras manifestações culturais. Na Espanha, isso despertou muito entusiasmo. E o catálogo foi feito em duas versões: em espanhol e em

português e ficou muito bom, foi uma grande obra. O governo espanhol, a prefeitura de Valença e o Museu fizeram um grande investimento. Isso tudo foi patrocinado pelo governo espanhol, pois o governo brasileiro não colocou um centavo. No Brasil, dificilmente você consegue dinheiro para projetos no exterior, a não ser que seja para a área do governo. É muito complicado, pois o Brasil põe muito pouco dinheiro para a divulgação cultural em outros países.

**AVM: Um desdobramento dessa exposição foi a obra *Caixa Modernista*. Quais critérios o senhor utilizou para selecionar os trabalhos que fariam parte da *Caixa*? E a recepção do público e da crítica, como é que foi?**

JS: Bom, primeiro eu utilizei um critério cronológico, que começa em 1922, passando por 1925 e que chega até 1928, com a *Revista de Antropofagia*. Outro critério foi a interdisciplinaridade, ou seja, a obra contempla a literatura, a música, as artes plásticas, a fotografia, entre outros. Evidentemente, houve muita exclusão. Por exemplo, a *Revista Klaxon*, que é de maior importância não está incluída. *Macunaima* também poderia ser incluído. Mas é apenas uma caixa e não um armário. Eu tive que fazer um processo seletivo e este significa inclusão e exclusão. Também houve coisas que eu não consegui colocar, não porque não quisesse, mas porque não coube. Mesmo assim, essa obra possibilita que o público tenha uma idéia de como foi o período.

Eu tentei respeitar o espírito da semana, no qual as artes se comunicam. Então, com os cartões eu tentei representar capas de livros, cinema, artistas como Lasar Segall. Eu propus algo dentro daquilo que uma caixa desse tipo possibilita, para ter o espírito de época. Os livros são fac-símiles, idênticos ao original, mas são vendidos somente dentro da *Caixa*. Realmente, é um processo seletivo, uma pequena curadoria.

Quanto à recepção, as pessoas ficaram encantadas, foi um sucesso. Foram três mil exemplares que se esgotaram em seis meses. O preço foi muito acessível, por aquilo que tem na *Caixa*. Os estudantes compraram bastante, mas realmente, o perfil do público foi as pessoas vinculadas às artes, cultura e literatura brasileira.

Esse trabalho também foi considerado um sucesso pela crítica, devido aos elementos que contém e também porque é um material muito vistoso

**AVM: No texto *Xul/Brasil Imaginários em diálogos*, sobre a exposição *Xul Solar. Visões e Revelações*, o senhor diz que o artista argentino Oscar Agustín Alejandro Schulz Solari nunca esteve no Brasil, mas**

**mesmo assim incorporou o nosso país em seu imaginário de forma sistemática. Hoje, de que maneira o senhor vê o reconhecimento da cultura brasileira por artistas estrangeiros?**

JC: Coitado do Brasil. Tem alguns artistas com reconhecimento internacional, mas o Brasil é somente importante para o Brasil, a não ser algumas exceções. Eu acho que a globalização faz com que as obras circulem mais. Só para dar um exemplo, o México, do ponto de vista de artes plásticas e de literatura ou a Argentina, em termos de literatura, tem muito mais prestígio e difusão. Eu acho que o Brasil está tendo mais presença, por exemplo, com o *Ano do Brasil na França*. Isso foi muito impressionante e deve ser reconhecido. Mas as obras de arte brasileiras só possuem grande valor aqui e não no exterior. Isso tem a ver com políticas de mercado, políticas de difusão cultural, dificuldades dos hispano-americanos em entenderem o português. Na América Latina, os países se dão as costas. Eu até tenho um artigo que se chama "Abaixo Tordesilhas!". Na verdade, o que eu tentei fazer durante a minha carreira é estabelecer pontos para que haja mais diálogos, mais conhecimentos em comum. Então, do meu ponto de vista pessoal, ter conseguido trazer uma retrospectiva do Xul para a Pinacoteca é uma conquista, porque dificilmente você tem um pintor argentino dessa envergadura durante mais de 3 meses num museu de excelência. Depois, a exposição vai para Houston nos Estados Unidos e para o México. Mas só a exposição do Xul, pois a parte brasileira foi programada apenas para a mostra de São Paulo. Mesmo entre a América Latina, não há um grande conhecimento da literatura brasileira. Hoje há uma grande consagração internacional do Paulo Coelho, o que eu posso dizer? O Brasil não tem nenhum prêmio Nobel até hoje. Vão reconhecer o quê? Isso é decorrente de uma tradição de política de mercado, o Brasil não investe em cultura no exterior, nem em difusão.

Podemos fazer uma comparação com o trabalho que a Aliança Francesa, o Instituto Goethe e o Instituto Cervantes fazem: são grandes redes culturais, impressionantes, que colocam muito dinheiro em difusão cultural, cursos de línguas e de artes em outros países. Isso tem que ter o apoio dos governos. Mesmo sobre o Machado de Assis, se conhece muito pouco, só os especialistas o estudam. O que tem muita difusão lá fora é a música brasileira, isso a partir da bossa nova. Isso vingou. Já a literatura, as artes plásticas, o cinema e o teatro são muito limitados.

**AVM: Nesse mesmo texto, há a menção a uma interlocução imaginária entre Xul e alguns artistas**

brasileiros, principalmente Ismael Nery. Assim, a exposição daria forma à utopia da confraternização entre os povos da América Latina. E hoje, o senhor destaca algum tipo de integração entre a cultura brasileira e a latino-americana?

JS: Eu acho que há uma vontade política nesse sentido, como a Bienal do Mercosul. Com Fidel Castro, houve um momento de confraternização latino-americana nos anos de 1960. Hugo Chávez está tentando retomar essa linha. O Lula, de alguma maneira, quer uma liderança na América Latina. Então sempre há uma tentativa, sem dúvida. No caso do Xul Solar a confraternização fazia parte de um ideal de união dos povos; o internacionalismo; uma linguagem, o *neocriollo*, uma espécie de esperanto do Mercosul, uma língua falada por todos os latino-americanos. Se houver vontade política e dinheiro para a difusão cultural, aí dá certo.

**AVM: Em uma matéria sobre a *Caixa Modernista*, publicada no site Universia, em 17/03/2004, o senhor disse que o Modernismo pode ser reconhecido, como disse Mário de Andrade, como a “maior orgia intelectual que a história artística do país registrou”. Na sua opinião, o que a cultura brasileira deve ao Modernismo? O senhor vê a possibilidade de ocorrer um movimento grande e forte como este na cultura brasileira do futuro?**

JS: O Modernismo foi uma revitalização, uma ruptura com a tradição. A arquitetura do Lúcio Costa e a de Oscar Niemeyer, em Brasília, são herdeiras do Modernismo. Na Literatura isso acabou derivando para a poesia concreta e para a poesia marginal. Na música, tivemos a Bossa Nova e a Tropicália. O Cinema Novo também se inspira muito nesse movimento. Atualmente, eu acho que o Modernismo ainda tem presença. No ano passado, foi exibida a minissérie *Um só coração*, de Maria Adelaide Amaral, em comemoração aos 450 anos da cidade de São Paulo. Então, de alguma maneira, ela retomou muito a questão do Modernismo, o que mostra uma certa vigência. Essas manifestações culturais são avaliadas posteriormente. Eu acho que os próprios modernistas nunca suspeitaram que teriam toda essa importância, eles ficaram bastante surpreendidos com essa avaliação. Acho que não dá para prever nada agora, só observo o que está acontecendo. São Paulo, por exemplo, tem uma verdadeira revolução diária de eventos culturais.

**AVM: Para finalizar, gostaria que o senhor falasse um pouco sobre os livros e a exposição que foram lança-**

**dos nesse mês sobre o pintor Vicente do Rego Monteiro.**

O: Vicente do Rego Monteiro é uma das exclusões da *Caixa Modernista*. Há dois livros raríssimos desse pintor pernambucano que viveu entre Paris e Pernambuco. Eu acho que de toda essa geração, ele foi o artista mais autenticamente bicultural. Ele não era só pintor, ele foi poeta, artista gráfico, editor, foi uma pessoa multidisciplinar. Em 1923 e 1925 ele faz dois livros maravilhosos, esplêndidos, livros de arte que têm a ver com as lendas amazônicas. O primeiro se chama *Lendas, Crenças e talismãs dos índios do Amazonas*, no qual ele coloca todas as lendas da região: Macunaíma, Rudá, O curupira, entre outras. Rego Monteiro trabalha com arte marajoara, arte ameríndia, então há muitas ilustrações inspiradas na arte dos índios da ilha do Marajó, os quais são anteriores à descoberta do Brasil. Esse é um livro raríssimo e caríssimo. Dois anos mais tarde, sai o segundo livro: *Algumas vistas de Paris*. Aqui, ele inventa um cacique que sai do Amazonas, vai para Paris e desenha os lugares mais interessantes, como o Arco do Triunfo, a Torre Eiffel e ainda faz uma descrição das vistas, mas tudo dentro de uma linguagem indígena. É belíssimo.

Ambos saíram apenas em francês e na França. Nunca saiu em português. Eu acho que o Rego Monteiro quis fazer isso no Brasil, mas não deu certo. O que eu estou fazendo é respeitando exatamente a edição original: esses dois livros saíram em formato fac-símile, porém terão encartes com as traduções e notas de Regina Salgado Campos pela Edusp e Imprensa Oficial.

O lançamento dos livros e de uma exposição com os desenhos e aquarelas originais de Rego Monteiro ocorreu no dia 03 de dezembro, na Estação Pinacoteca. Eu sou curador da exposição e o organizador dos livros e acho que estou realizando um eventual desejo do pintor de ver isso circular no Brasil. Naquela época, era muito difícil publicar algo, Rego vivia em Pernambuco e em Paris. Provavelmente não seria fácil fazer isso e ele era um artista com mil outros interesses. Pelo menos ficaram esses registros e essas obras. Na época, foram feitos somente 300 exemplares de *Algumas vistas de Paris* então isso está na mão de alguns colecionadores, é uma obra rara. Agora vão sair cerca de dois mil exemplares, então ficarão à disposição do público para serem vendidos.

Como esse ano de 2005 é o Ano do Brasil na França, os dois livros serão apresentados pela Edusp e pela Imprensa Oficial no dia 18 de janeiro, em Paris, na “Maison de l’Amérique Latine” (Casa da América Latina). Além do lançamento em Paris, terá uma mesa-redonda sobre o Rego Monteiro, pois na França há especialistas como Pierre Rivas e Michel Riaudel, especialistas em Rego Monteiro e na cultura brasileira em geral.

# 1º ENCONTRO DE ALUNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO

POR ALINE VICENTE MIGUEL

No período de 16 a 18 de novembro de 2005, os estudantes do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada e da Área de Italiano do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP tiveram a oportunidade de realizar um debate em conjunto e uma verdadeira troca de idéias. Isso foi possível graças ao 1º Encontro de Alunos de pós-graduação do DTLLC e da Área de Língua e Literatura Italiana do DLM, no qual cada estudante apresentou e discutiu pontos e aspectos de suas pesquisas.

A conferência de abertura - *Dante ou Petrarca? Pasolini ou Calvino? Uma teoria literária nacional* - foi ministrada pelo crítico literário italiano e ex-professor da Universidade de Veneza, Alfonso Berardinelli. Os temas de pesquisa foram agrupados em diversas mesas, as quais debateram especialmente literatura italiana e brasileira, dentre outras.

Na mesa "Tradição e Modernidade", foram discutidas algumas traduções brasileiras de obras italianas; bem como a representação do mundo que é construída por palavras tanto na poética árabe quanto no escritor argentino Jorge Luís Borges.

Já "Narrativa Moderna 1" agrupou pesquisas sobre o escritor francês Marcel Proust, e o russo Dostoiévski; além de analisar a recepção do público francês à obra de Rubem Fonseca e apresentar o trabalho de Giovanni Testori, um escritor italiano desconhecido no Brasil. Essa mesa também discutiu a Literatura comparada entre Brasil, Alemanha e Inglaterra. A discussão acerca de "Poesia", por sua vez, apresentou reflexões sobre poetas do Brasil e

da Itália, como por exemplo, Carlos Drummond de Andrade e Giacomo Leopardi, além de outros poetas antigos e modernos.

Em "Narrativa Moderna 2" foram analisados alguns aspectos de autores e obras brasileiras e italianas. Entre eles, a violência e o autoritarismo em *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, e a relação entre literatura e indústria nos romances do escritor Ottiero Ottieri.

Também foram apresentadas pesquisas na área de língua italiana, entre elas a investigação da influência da língua portuguesa no léxico italiano, e uma reflexão sobre a interferência da língua portuguesa sobre os brasileiros que estudam italiano. Nesta, os sujeitos de estudo são alunos da rede pública do estado de São Paulo aprendizes da língua italiana nos CELs.

A professora Viviana Bosi, uma das organizadoras do evento, ressalta que foi muito interessante agrupar as mesas de acordo com temas afins, e de aprender com a discussão entre pesquisadores de duas áreas diferentes. "O evento foi muito enriquecedor para todos os presentes", afirma.

**Comissão organizadora:** Profa. Dra. Lucia Wataghin (DLM – Italiano); Prof. Dr. Maurício Santana Dias (DLM – Italiano); Profa. Dra. Viviana Bosi (DTLLC).

O evento contou com a colaboração de dois orientandos de pós-graduação da área de Italiano: Francisco J. S. Degani e Patrícia de Cia.

As Profas. Dras. de Italiano Doris Cavallari e Roberta Barni também ajudaram na realização do Encontro.

## OS DESAFIOS DO MUNDO CONTEMPORÂNEO E AS PERSPECTIVAS DE ORIENTE E AMÉRICA LATINA

Nos dias 6 e 7 de outubro deste ano, realizou-se o Seminário Internacional *Os desafios do mundo contemporâneo e as perspectivas de Oriente e América Latina*. É um evento prévio ao Encontro da Cátedra e Rede Unesco/Universidade das Nações Unidas sobre Economia Global e Desenvolvimento Sustentável (REGGEN), cujo titular é o reconhecido Prof. Teotônio dos Santos da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Organizado fundamentalmente pela FFLCH, o Con-

selho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO) e a cátedra REGGEN contou com a presença de destacados acadêmicos de Índia, China, Estados Unidos, Japão e fundamentalmente da América Latina como Gao Xian, da Academia Chinesa de Ciências Sociais; Manoranjan Mohanty, Universidade de Delhi, Índia; o próprio Theotônio dos Santos; Sedi Hirano, diretor da FFLCH; Giovanni Arrighi, Universidade John Hopskin EUA; Emir Sader, UERJ/LPP, Rio de Janeiro; Álvaro Comín, FFLCH/USP-



CEBRAP; Beverly Silver, Universidade John Hopskin, EUA e Carlos Eduardo Martins, UNESSA/REGGEN Brasil.

Entre os diferentes temas abordados destacaram-se os referentes aos países emergentes, as alternativas à globalização e os novos desafios da modernidade, assim como o imperialismo, as relações sociais na China, hegemonia, estado e trabalho, todos abordados do ponto de vista crítico.

A sensação é que abrindo o debate, a FFLCH/USP, por meio da iniciativa de seu Diretor, o Prof. Sedi Hirano, situa-se desta maneira na vanguarda do debate crítico da realidade contemporânea no marco do surgimento de um conjunto de potências emergentes, fundamentalmente as que são conhecidas como os "países do BRIC" (Brasil, Rússia, Índia e China) a partir de os quais estes investigadores, professores e acadêmicos, elaboram a

possibilidade da construção de outra ordem mundial, mais democrática, mais igualitária e mais justa.

O seminário foi um sucesso e forneceu um conjunto de questões que deverão sem dúvida ser abordadas em outros seminários com este caráter que permitam aprofundar a análise das relações sociais, as hegemonias, as relações de forças no capitalismo contemporâneo e a partir do qual se possa pensar suas possibilidades de superação.

Gonzalo Adrián Rojas – Pesquisador DCP/FFLCH/USP - NADDE/USP

Comissão Organizadora do Pre-REGGEN em São Paulo  
Área de Difusão-Conselho Latino-americano de Ciências Sociais.

[grojas@campus.clacso.edu.ar](mailto:grojas@campus.clacso.edu.ar)

## ESPAÇO MEMÓRIA

### ***ENTREVISTA COM BENJAMIN ABDALA JUNIOR***

POR DANIEL CANTINELLI SEVILLANO

ALUNO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM PROJETO SOBRE OS 70 ANOS DA FFLCH  
SOB ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR SEDI HIRANO

O entrevistado é professor titular da área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas.

**Daniel Cantinelli Sevillano: Gostaria que você me falasse sobre sua formação acadêmica.**

Benjamin Abdala Junior: Quando ingressei na Faculdade em 1966 eu já era jornalista profissional. Ingressei no curso de Letras Vernáculas e o fiz entre os anos de 1966 e 1969, oficialmente, porque como eu tinha participação política, fui preso por um ano e meio. Quando retornei, fiz duas provas que faltavam para terminar a graduação e entrei na pós-graduação em 1971, na área de Literatura Portuguesa, com a professora Maria Aparecida Santilli como orientadora. Na prisão, recebi as primeiras indicações de leitura por parte de minha futura orientadora. Concluí o Mestrado em 1974, com pesquisa realizada na Faculdade de Letras, em Lisboa, por um ano, sob a orientação do professor Jacinto do Prado Coelho. Concluí meu Doutorado, sob a mesma orientação, em 1977, comparando a obra de Graciliano Ramos e Carlos de Oliveira. Uma edição mais condensada da tese é o livro *A escrita neo-realista*, publicado pela Editora Ática.

Desde o tempo da graduação minha preocupação principal foi trabalhar com Literatura Comparada. Em relação à Literatura Portuguesa, trabalhei desde o início comparativamente, porque sempre fui movido pela idéia de que não deveríamos estudar literaturas estrangeiras desconsiderando o lugar de onde falamos, por um lado; por outro, seria importante do ponto de vista político estabelecer articulações supranacionais, de ordem comunitária. No caso da Literatura Portuguesa, na ocasião, muitos docentes faziam eco à perspectiva de imigrantes portugueses que aqui residiam e sonhavam com um Portugal provinciano, de raízes míticas. Era uma atmosfera geral, pretensamente idílica, veiculada durante mais de 40 anos pela ditadura salazarista.

As preocupações com as vinculações entre literatura e política marcaram minhas atividades docentes. Estive na fundação da Associação de Professores de Literatura, associada à SBPC, em seu movimento de resistência à ditadura e depois na organização da Associação Brasileira de Literatura Comparada, tendo presidido as duas. Na USP, também fui um dos fundadores da área de Literaturas Africanas, juntamente com a professora Santilli, e da área de Estudos Comparados de Literaturas de Lin-

gua Portuguesa. Meus projetos envolviam estudos entre literatura e diferença. Uma diferença de quem observa o mundo das margens e que é também uma postura do intelectual que não aceita determinadas hegemonias. Era também uma maneira de se fortalecer laços entre culturas semelhantes para fazer face ao processo de americanização do mundo e seus fluxos avassaladores, isso evidentemente sem nenhum tipo de xenofobia.

**DCS: Você disse que foi preso. Você tinha participação política antes de entrar na Faculdade ou foi na Faculdade que você teve contato com o Movimento Estudantil?**

BAJ: Foi na Faculdade. Em 1967, eu fui membro da diretoria do então Grêmio da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras. Esse Grêmio era muito bem organizado, e parte dos fundos dele vinha do cursinho do próprio Grêmio. Com o dinheiro do cursinho nós conseguimos montar um jornal semanal chamado *Amanhã*, com cerca de 30 páginas, e que era distribuído nas bancas. Sua tiragem era de 20 mil exemplares, que se esgotavam praticamente em um dia. Nossa idéia foi aumentar a tiragem para 50 mil exemplares e tentar vender em algumas capitais, mas a pressão da polícia foi muito grande e por isso tivemos que terminar as atividades do jornal.

O Grêmio financiava também outras atividades, como cursos, sessões de cinema e outras atividades acadêmicas, como debates. Eu sempre digo, de uma forma provocadora, que nessa época aprendi mais nos corredores da Faculdade do que dentro das salas de aula. Não que o ensino fosse de baixo nível, ao contrário. É que as atividades políticas e culturais eram intensas. Considerávamos romanticamente com vanguardas não apenas política, mas também na cultura.

**DCS: Você participou dos acontecimentos de 68?**

BAJ: Participei de toda a atmosfera contestadora de 68. Em relação ao ME, mais em 1967. Em 1968, já não estava no Grêmio e não estava na Faculdade no dia da invasão da Polícia e da destruição parcial do prédio. A essa altura, tinha deixado o jornalismo e ministrava aulas em São Bernardo, integrando a Comissão de Greve da APEOESP, que coordenava o movimento reivindicatório dos professores.

**DCS: Por que você foi preso?**

BAJ: Eu era uma pessoa com participação política muito grande, e fui preso por quase um ano e meio porque eles achavam que eu tinha certa liderança entre os estudantes e professores. Eu havia sido militante de uma

organização política, mas estava afastado. A acusação era de tentativa de organização de partido político, mas na tortura o interrogatório se fez em torno de minha atividade de jornalista. Foi mais uma forma de intimidação que atingiu também outros intelectuais, que eles julgavam ter alguma liderança. Depois de passar mais de um ano na OBAN, DOPS e Tiradentes, fui absolvido das acusações. Embora me relacionasse com vários grupos, naquele momento eu não participava de nenhum grupo clandestino de esquerda.

**DCS: Qual o clima que você sentiu na Faculdade quando saiu da prisão?**

BAJ: Quando voltei, em 1971, os cursos estavam na Cidade Universitária, nos barracos, em uma situação extremamente precária. Eu sentia um clima de sufoco, e por causa desse clima que eu decidi ir para o exterior. Consegui uma bolsa, mas na hora de tirar o passaporte me disseram que meu RG não existia, ou seja, eu não existia para o regime militar. Depois de remontado meu registro, comprovando minha existência, tive que solicitar uma carta de autorização para expedição do passaporte à Auditoria Militar. Passei um ano fora, e nesse período cheguei a pensar em não voltar para o Brasil. Decidi retornar, correndo riscos.

Na época lamentei ter voltado, porque ainda existia um clima muito ruim; o regime fazia questão de mostrar que estava de olho em meus passos, pois sempre quando eu voltava para casa notava a presença de pessoas que me vigiavam, portando armas de forma ostensiva.

**DCS: Em que ano você começou a dar aulas na Faculdade?**

BAJ: Eu comecei a dar aulas como instrutor voluntário, ou seja, não recebia salário, em 1973, e fui nomeado através de concurso em 1976. Minha nomeação demorou mais de um ano para sair porque ela ficou na chamada triagem ideológica que existia na Reitoria, nesse período.

**DCS: Mas você quando retornou ao país se ligou a algum grupo político?**

BAJ: Não, mas sempre me mantive ligado a atividades de oposição ao regime. Meu próprio objeto de estudo era político; meu foco de resistência era minha pesquisa, que tratava justamente da literatura de países que procuravam se libertar de um regime que os colonizava. Estudar um escritor português politicamente empenhado, Carlos de Oliveira, e o escritor brasileiro Graciliano Ramos, era uma forma de me posicionar face à ditadura

brasileira. Essa foi uma das estratégias que adotei durante minhas aulas: eu escolhia autores críticos para, através de sua obra, tratar de determinado assunto e tentar burlar o controle ideológico exercido pelo regime. Eu e outros colegas procurávamos trabalhar com autores que tratassem da realidade brasileira em sua obra.

**DCS: Como a Revolução dos Cravos influenciou os estudos de literatura de países de língua portuguesa na USP?**

BAJ: A Revolução dos Cravos, ocorrida em 1974, era um movimento de cunho socialista, e deu força aos grupos de libertação nacional africanos, que também estavam imbuídos dessa visão romântica de uma revolução socialista. Todos os escritores que apoiavam a Revolução em Portugal eram de esquerda, e estudar suas obras em sala de aula era uma maneira de motivar o aluno à crítica do que acontecia no nosso país. Nós estávamos falando de Portugal, mas a imagem poderia ser deslocada para o Brasil.

**DCS: Você participou das discussões sobre a divisão da FFLCH nos anos 90?**

BAJ: Particpei ativamente, e até fui candidato a Vice-Diretor da Faculdade junto com o professor Ulpiano Bezerra de Menezes, que era o candidato a Diretor. Na lista triplice, eu e o Ulpiano ficamos empatados, e havia um terceiro colocado. O Reitor escolheu o terceiro. Como eu estava na chapa do Ulpiano, decidi não me candidatar a Vice na eleição para esse cargo. Nossa chapa defendia justamente a unidade da Faculdade.

No entanto, eu penso uma unidade efetiva. Não no que ocorre hoje na FFLCH, em que existe, na verdade, uma espécie de federação de departamentos. Em alguns casos, como no do DLCV, há uma federação de disciplinas. Defendo há mais de 15 anos uma efetiva integração das disciplinas e dos departamentos. Sou favorável a disciplinas que tenham o atrevimento de buscar um recorte novo, interdisciplinar, com pesquisas e cursos desenvolvidos inclusive a várias mãos, nos quais um docente possa interferir positivamente na área do outro. Isso já vem acontece em áreas científicas de ponta, mas é um problema mais geral do ensino universitário.

Temos hoje, nos cursos de Letras, disciplinas estabelecidas há mais de 50 anos, por cabeças que estavam ainda no século XIX. São recortes demasiadamente estanques, e nós temos que nos atrever a mexer nisso. Por isso, os currículos têm que ser mais livres, existe a necessidade de mais disciplinas optativas. Isso leva o aluno a procurar aquelas disciplinas que ele realmente quer cursar, por

suas relações com o projeto que desenvolve, e a USP tem toda a capacidade de oferecer isso a seus alunos. É necessário que o aluno tenha a ajuda de um professor tutor, que o oriente desde a graduação. Quando chegasse ao final do seu curso, o aluno faria um trabalho final de aproveitamento, utilizando o que ele buscou aprender durante sua graduação. Para que tanta aula? É preciso dar janelas para o aluno desenvolver pesquisas. A universidade não pode se transformar num colégio, em que o aluno tem ritualmente suas aulas e vai embora para casa.

**DCS: Você é contra as habilitações?**

BAJ: Não, eu sou favorável às habilitações. O que defendo é que, se o aluno optar pelo diploma de Português, ele tenha que cursar um número X de créditos de língua e um número Y de créditos de literatura, e ponto final. O que ele vai fazer de língua e literatura é problema dele, sob orientação do tutor, tendo em vista a pesquisa que desenvolve. O que pode ser feito é instituir algumas obrigatórias nos dois primeiros anos, e deixar que ele escolha as outras disciplinas que ele quer fazer. No caso de Inglês, por exemplo, por que o aluno que tem o domínio dessa língua precisa fazer matérias que já domina? Por que ele não pode pular disciplinas que para ele seriam mais introdutórias, com conteúdos que ele já domina?

**DCS: Você é favorável à criação de novas disciplinas?**

BAJ: Em primeiro lugar, eu sou favorável a reformular as disciplinas tradicionais do jeito que elas estão. São muitas vezes resquícios das antigas cátedras. O professor que está ligado a uma disciplina pode enredar-se nela. Acaba por ter como horizonte apenas as necessidades daquela disciplina. Não tem como perspectiva o conjunto das áreas de pesquisa de Letras e muito menos as da Faculdade. Eu acho que a vinculação acadêmica do professor tem que estar ligada a projetos compartilhados. Essa vinculação pode estar ligada a núcleos de pesquisa de características supradepartamentais. Uma Comissão de Graduação de Letras indicaria quem vai dar o quê. Obviamente que essa Comissão vai indicar uma matéria que seja de domínio do docente, vinculada a seu projeto. Por exemplo, nós temos grandes especialistas em autores da literatura brasileira no Departamento de Teoria Literária, só que eles não podem dar aulas de Literatura Brasileira; essa estrutura que eu imagino serviria para acabar também com esses limites burocráticos entre os departamentos.

**DCS: O que fazer com as disciplinas optativas?**

BAJ: Uma mudança também aqui é necessária, porque

muitas optativas hoje se transformaram em matérias regulares, oferecidas em todos os semestres. Veja o caso de Literaturas Africanas. Elas já se transformaram em disciplina regular do departamento. A obrigatoriedade da imensa maioria das disciplinas oferecidas impede os professores de criarem novas disciplinas. Disciplinas interdisciplinares, entre inumeráveis exemplos de composições possíveis, poderiam cruzar áreas como as de literatura, ciências sociais, história, geografia, artes etc. – uma atividade vinculada a determinados núcleos de pesquisa. Para nos valer do autor de meu doutorado, Graciliano Ramos: não seria cientificamente relevante estudarmos sua obra, com o concurso de professores de algumas dessas áreas? Uma disciplina válida para os alunos de várias habilitações?

**DCS: Voltando para o assunto da eleição para Diretor em que o professor Ulpiano não foi escolhido. Houve alguma manifestação da Congregação contra essa escolha do Reitor?**

BAJ: Não houve, o que foi lamentável. Apenas os estudantes se manifestaram.

**DCS: Você acha que o número relativamente grande de alunos ligados ao DLCV atrapalha o andamento**

**das atividades do departamento?**

BAJ: Trata-se do diploma de português, centralizado no DLCV. Praticamente todos os alunos de Letras cursam essa habilitação. O problema de superlotação parece-me outro. Já falei das articulações supradepartamentais a partir dos núcleos de pesquisa. Pesquisa, ensino e extensão deveriam correr de forma integrada. Além disso, a USP diferenciase de muitas universidades, sobretudo particulares, pela vinculação entre ensino e investigação científica. Cursos com número excessivo de alunos e com currículos estanques correm o risco de virar colégio. Não a busca do conhecimento novo, mas apenas de reprodução do já conhecido. Não são criados, com frequência, hábitos de investigação científica, que devem motivar todos os níveis de ensino. O aluno que entra no curso de Letras deve pesquisar desde o primeiro ano. Classes com até 100 alunos inviabilizam essa inclinação. Como criar então hábitos críticos capazes de ensinar práticas criativas? Mesmo que boa parte dos alunos não continue na pesquisa (pós-graduação), é importante que eles levem esses hábitos para o ensino fundamental ou médio ou para as novas atividades provenientes de demandas sociais que solicitam uma formação mais ampla e criativa. Não podemos nos esquecer de que estamos numa época de grandes mudanças de paradigmas, em termos de recortes científicos e de profissões.

## ***ENTREVISTA COM EMANUEL SOARES GARCIA***

POR DANIEL CANTINELLI SEVILLANO

ALUNO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM PROJETO SOBRE OS 70 ANOS DA FFLCH

SOB ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR SEDI HIRANO

O entrevistado é professor aposentado do Departamento de História.

**Daniel Cantinelli Sevillano: Gostaria que o senhor me falasse sobre sua formação acadêmica.**

Emanuel Soares Garcia: Quando entrei no curso de Geografia e História, a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras se espalhava por diversos prédios da cidade de São Paulo, sendo que o meu curso estava localizado no 3º andar da Escola Caetano de Campos, na Praça da República. Ingressei em 1943, e me formei em 1947.

Em 1950 prestei o concurso para ingresso no magistério oficial. Ingressei em Palmital, na região de Alta Sorocabana, depois fui removido para Garça, na região de Alta Paulista, e por último fui para São Carlos.

Em 1961 eu fui convidado para prestar concurso de instru-

tor na cadeira de História da América, cujo catedrático era o professor Astrogildo Rodrigues de Melo. Fui aprovado, e ingressei na docência como instrutor em agosto de 1962. Em 1965 defendi o Mestrado, e essa foi a primeira defesa de Mestrado que houve na Faculdade de Filosofia. Antes de mim, ninguém havia tido essa experiência. Fiz o Doutorado em 1968, e antes desse ano havia trabalhado durante um ano no Archivo General de Índias, em Sevilla, onde pude levantar a documentação para a minha tese, cujo título é *Buenos Aires e Cádiz, contribuição a um estudo do comércio livre*.

Em 1982 fiz o concurso para professor livre-docente, e elaborei uma tese sobre comércio ultramarino espanhol no Prata. Em 1984, fiz concurso de professor adjunto, disputando com uma colega, tendo sido aprovado pela banca examinadora. Finalmente, em 1988 eu fiz meu

concurso para professor titular de História da América, permanecendo na Faculdade até completar meus 70 anos, quando me aposentei mas fui autorizado a continuar trabalhando na pós-graduação, formando mestres e doutores. Na minha carreira, eu já orientei mais de 70 pós-graduandos.

**DCS: Quando você ingressou na Faculdade de Filosofia, você participava do Movimento Estudantil?**

ESG: Quando ingressei na Faculdade, havia dois partidos acadêmicos: o Partido Acadêmico Orientador, de esquerda; e a União Democrática Universitária, fiel à União Democrática Nacional, de perfil conservador. Eu fui eleito tesoureiro do Grêmio e participei de várias jornadas acadêmicas, inclusive contra a ditadura Vargas. Cheguei a ser preso juntamente com alguns companheiros durante o Estado Novo.

**DCS: Mas você ficou muito tempo preso?**

ESG: Não, apenas uma noite. O Getúlio, mesmo caracterizado como um ditador, tinha muita simpatia pelos estudantes. Eu me lembro de ir a um congresso da UNE no Rio de Janeiro e ser recebido, com outros estudantes, pelo então Ministro da Educação, Gustavo Capanema. Ele pagou todas as despesas que nós tivemos no hotel. Nós fomos também ao cassino da URCA, e quando fomos embora dissemos para mandar a conta para o Capanema, que acabou pagando tudo.

**DCS: Você acompanhou os acontecimentos de 1968 na Maria Antonia?**

ESG: Praticamente todos os professores e alunos da Faculdade de Filosofia participaram daqueles acontecimentos, direta ou indiretamente. No meu caso, a ocupação do edifício da Maria Antonia pelos alunos ocorreu na época em que eu deveria defender minha tese de Doutorado. Devido à ocupação, minha defesa foi transferida para o prédio de Geografia e História, localizado na Cidade Universitária. Foi a primeira defesa de Doutorado sem as becas tradicionais, porque os alunos haviam invadido a sala das becas na Maria Antonia, impedindo que elas fossem utilizadas. Minha defesa foi realizada no dia 24 de junho de 1968, e aconteceu numa das salas do edifício em que se encontra hoje o curso de História. 1968 foi um ano difícil para os professores da Faculdade de Filosofia, porque a Faculdade era muito visada por ser um 'antro' de comunistas e pessoal da esquerda, de modo que havia certa prevenção contra os professores e alunos. Eu fui convocado para prestar depoimento no dia 9

de julho de 1968, no quartel do Exército na rua Conselheiro Brotero. Eu lembro que era um dia típico de inverno, e eu deveria estar às 7 da manhã no quartel. Eu fiquei sozinho numa sala, com um monte de jornais do dia em cima da mesa, e um oficial me disse que eu teria que esperar. Mas eles ficaram retardando minha chamada, de modo que eu só fui chamado às 19 horas para a sala do comandante do quartel. Esse comandante tinha participado da 2ª Guerra Mundial na FEB, e começou a contar toda sua história para mim, mas a verdade é que não chegara a minha hora de depor, até que às 21 horas um major me chamou e me fez uma só pergunta, se eu conhecia determinadas pessoas que ele ia elencar. Ele me perguntou se eu conhecia o professor Fernando Novais. Quando eu disse que o conhecia, ele me perguntou se ele era comunista. Eu disse que não podia responder sobre o posicionamento ideológico de outra pessoa. Ele me perguntou também sobre a Emília Viotti da Costa, Fernando Henrique Cardoso e outros professores. Claro que eu não ia fazer o papel de delator, e isso irritou o tal major. Ele disse que como eu não queria colaborar, só lhe restava me considerar também um suspeito de atividades 'subversivas'.

Fui mandado embora, mas várias vezes eu fui chamado para responder a algumas perguntas de um sargento que ficava no CRUSP. O fato é que nesse meio tempo a professora Emília Viotti foi cassada pelo AI-5, juntamente com outros grandes professores da Faculdade.

**DCS: Você era contrário aos catedráticos?**

ESG: O catedrático era uma figura que parecia saída do feudalismo; ele era uma espécie de senhor feudal, que dispunha da cátedra como um feudo e fazia dela o que bem quisesse. Uma simples carta do catedrático ao Diretor da Faculdade podia dispensar um assistente. Eu nunca vi com bons olhos o sistema de cátedra, por lembrar muito os primórdios da universidade nos tempos medievais.

**DCS: Como a Faculdade viu a Reforma Universitária de 1969?**

ESG: A reforma era desejada, porque na verdade a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras estava bastante inchada, não havia condições de preservar seu modelo em função do próprio crescimento da USP e da Faculdade, de modo que essa separação foi bem vista.

Houve uma discussão também sobre a divisão também dos cursos de Humanas em diversos institutos. Eu fui contrário a essa proposta porque, além de enfraquecer politicamente a então criada Faculdade de Filosofia Le-

tras e Ciências Humanas, isso geraria um custo muito grande para a universidade, que teria então que bancar os salários de novos diretores e assistentes de direção.

**DCS: Você depois foi chefe do Departamento de História por quatro anos. Qual sua posição em relação à discussão da divisão da Faculdade nos anos 80?**

ESG: Como chefe, eu tinha que assumir uma posição de juiz entre os grupos que se colocavam, os que eram favoráveis à separação e os que eram favoráveis à manutenção da unidade. Mas pessoalmente eu era favorável à manutenção da unidade da FFLCH.

**DCS: Você lembra como os professores do DH se manifestaram a respeito dessa proposta de divisão nos anos 80?**

ESG: Os dois grupos estavam representados no departamento, mas acho que a postura de preservar a unidade era mais forte.

**DCS: Você via essa discussão sobre a separação da Faculdade como uma disputa política entre os departamentos?**

ESG: Por se tratar de uma unidade muito grande, havia

uma série de disputas entre os departamentos principalmente em relação às verbas, contratação de pessoal, etc. Eu lembro que os chefes dos departamentos de Letras reclamavam que havia poucos professores, que a carga de aula desses professores era muito alta, e que os cursos de Letras deviam ter preferência na hora de contratar novos professores. No Conselho Técnico-Acadêmico da FFLCH sempre havia discussões em torno da criação de uma vaga de professor, para qual departamento tal vaga se destinaria.

Eu lembro de uma ocasião, quando eu era chefe do DH, nós ganhamos três claros, e eu decidi transferir esses claros para o curso de Português, que estava com um número muito reduzido de professores, e eu fui muito criticado por colegas meus do departamento de História, que diziam que eu queria fazer média com isso para me candidatar a Diretor no futuro.

**DCS: Você se aposentou em que ano?**

ESG: Eu me aposentei em 1994, aos 70 anos, depois de 46 anos de vida dentro da Faculdade de Filosofia, e essa vivência toda faz com que nós amemos essa instituição, que em certos momentos se confunde com a nossa própria vida.

## ***ENTREVISTA COM JOSÉ GERALDO VINCI DE MORAES***

POR DANIEL CANTINELLI SEVILLANO

ALUNO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM PROJETO SOBRE OS 70 ANOS DA FFLCH

SOB ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR SEDI HIRANO

O entrevistado é professor do Departamento de História.

**Daniel Cantinelli Sevillano: Onde você fez sua graduação?**

José Geraldo Vinci de Moraes: Fiz a graduação na PUC de São Paulo; ingressei em 1980 e terminei em 1984, com a licenciatura.

**DCS: Depois da destruição do prédio da Faculdade de Filosofia da USP na rua Maria Antonia a PUC se tornou o centro do Movimento Estudantil em São Paulo.**

JGVM: Não só no sentido restrito da militância política estudantil, mas também um núcleo de atividades culturais de modo geral. Creio que com a repressão a maioria das atividades estudantis na USP ficou limitada e a PUC, de certa forma, acabou ocupando esse espaço, com ati-

vidades bem diversificadas: quem queria fazer teatro tinha ambiente para isso, tanto como para a militância política; e quem queria estudar tinha boas condições também. Apesar do clima político ainda tenso, naquele espaço havia certa liberdade para estudantes e professores e também para quem era da universidade.

**DCS: A PUC havia sido invadida pela polícia em 1977. Você sentiu alguma diferença no ME depois desse evento?**

JGVM: Não posso avaliar muito bem. Em primeiro lugar, porque ingressei um tempo depois, embora ainda convívéssemos com o fato, pois a universidade fazia questão de recordá-lo todo ano. Além disso, especificamente, sobre as mudanças no ME não posso comentar muito, pois minha experiência nele sempre foi episódica. Minha

militância no movimento estudantil foi passageira: como secundarista, numa escola em que havia certa tradição de participação e atividade política (o ex-colégio Vocacional) e na universidade também. Em contrapartida, militei bastante fora do ME. Apesar de reconhecer sua importância relativa, não compreendia e não acreditava muito naquilo: minha militância política sempre foi distante do ME.

**DCS: Surge em São Paulo nesse período em que você fez a graduação uma série de movimentos sociais. Você acompanhou isso?**

JGVM: É verdade. Entre a segunda metade dos anos 70 e a primeira dos anos 80 houve de fato a multiplicação e efervescência de movimentos sociais na cidade de São Paulo, com diversas características e origens. Muitos com causas bem específicas, ligados às comunidades e interesses de bairros e regiões, e outros de caráter político mais amplo; às vezes havia até a convergência legítima destes interesses. Curioso que naquela época mesmo, alguns sociólogos chamaram atenção para a novidade, documentaram e estudaram esses novos movimentos populares urbanos. Eu acabei me ligando a alguns destes movimentos existentes na zona sul da cidade. Apesar da origem independente de muitos deles, com o tempo alguns se tornaram palco de disputas de diversos grupos da esquerda tradicional que começavam a se reorganizar.

**DCS: Havia uma série de grupos que iam de fato morar na periferia para trabalhar com os jovens desses locais.**

JGVM: Justamente! Eu fiz parte de um desses grupos. O núcleo inicial se originou no trabalho com jovens, centrado no teatro, mas depois foi se desdobrando alcançando outras faixas etárias e atividades (esportivas, creches, música, abastecimento, etc). Apesar das dificuldades, era um grupo bem interessante, diversificado, criativo e, sobretudo, muito alegre.

**DCS: Você achava o ME elitista?**

JGVM: Como já disse, não convivi muito com o ME, mas pode-se se dizer que sim e por diversos aspectos! Um certo grau de "elitização" era compreensível, pois ainda vivíamos em um ambiente de desconfiança e, portanto, as atividades políticas não podiam ser ingenuamente abertas. Mas havia também outras formas de "elitização", como aquela originária do modo de vida conservador dos grupos políticos tradicionais: o centralismo exagerado, a submissão à hierarquia, a escolha selecionada de seus

membros para a formação de quadros, o sentimento de "verdade absoluta", que leva à incompreensão do outro e assim por diante. Além disso, à medida que o ME foi se expandindo e ganhando relativa importância política, se burocratizou e tornou-se palco exclusivo de disputas entre lideranças e tendência. Esse novo elemento de elitização tirou a graça do movimento e gerou bastante insatisfação nos estudantes. Esse fato ganhou tal magnitude que na primeira metade dos anos 80 surgiram, p.ex., tendências com pretensões e discursos independentes. Na realidade, fora da militância política estudantil já havia esse clima cultural, digamos, "independente", como, p.ex., as tentativas de gravar um disco "independente" ou apresentar uma peça alternativa fora do circuito dos grandes teatros. Esse desejo geral criativo da juventude chegou também ao ME. No entanto, rapidamente as correntes tradicionais, se infiltravam nestas tendências mais espontâneas com objetivo de dirigi-las. A partir da segunda metade dos anos 80 já era visível também que o ME tendia a se tornar mais um dos vários campos de formação de quadros da elite política e partidária do país. E em um ambiente como esse, a situação política e pessoal muda completamente e começam a surgir outros tipos de disputas (como as pessoais, de grupos) e interesses (como os regionais, eleitorais). Tal fato se revelou rápida e concretamente nas disputas partidárias daquele período.

**DCS: Você começou o mestrado logo após terminar sua graduação?**

JGVM: Sim, mas ingressei com certa desconfiança logo em 1985, pois achava que meus interesses de estudo em torno da cultura popular (como a música popular) não tinham muito espaço na academia, sobretudo na História. Entretanto, justamente nesta época o Programa de Pós de História da PUC passava por uma grande renovação incluindo professores que, apesar de jovens, eram qualificados, experientes e, sobretudo, com espírito aberto e renovador. Foi neste contexto que tive a felicidade e sorte de iniciar minha orientação com o Elias Thomé Saliba, que acabara de ingressar no Programa de Pós junto com o Nicolau Sevchenko.

Entre o Mestrado e o Doutorado, realizado na FFLCH também com o professor Elias, parei por aproximadamente dois anos as pesquisas acadêmicas. Eu queria ampliar minhas experiências profissionais no Ensino Fundamental e Médio nas escolas privadas e do Estado (onde era efetivo) e com a capacitação de professores (que me permitiu viajar muito pelo interior do Estado).

**DCS: Foi nesse período que você escreveu um livro didático.**

JGVM: Sim! Um livro didático para o Ensino Médio e um paradidático que trata justamente da cultura popular urbana no início do século XX. Mas também publiquei minha dissertação de mestrado, após receber o prêmio Silvio Romero da Funarte...

**DCS: Você deu aulas na PUC também.**

JGVM: Sim, dei aulas, mas não de maneira permanente em razão dos problemas recorrentes que, infelizmente, a universidade sempre teve. Passei por lá como professor em 2 períodos diferentes entre o final dos anos 80 e início dos 90.

**DCS: E na UNESP, como foi sua experiência?**

JGVM: Sai da PUC e ingressei, por concurso, logo em seguida na UNESP. Lá tudo foi um pouco mais complicado. Fui contratado para dar aulas em uma unidade no litoral que estava sendo estruturada e não tinha nenhuma identidade acadêmica. Fiquei na UNESP cinco anos e percebi, infelizmente, como setores da universidade pública podem ser privatizados por grupos sem nenhuma expressão política ou acadêmica, mas com forte inserção na burocracia e na administração. Nela há núcleos que vivem da política local interiorana, do cotidiano da

burocracia, da vida administrativa e que pouco se importam com seu caráter público. Creio que seja uma minoria - mas sempre renitente -, pois a UNESP é uma universidade boa e produtiva. Por essa razão, tratei de oferecer disciplinas nos cursos de graduação de música e artes do Instituto de Artes, onde fui muito bem recebido e permaneci por quase 3 anos como professor colaborador.

**DCS: Depois que você saiu do IA você veio para a USP?**

JGVM: Não imediatamente. Houve um período em que obtive uma bolsa de pós-doutorado para desenvolver pesquisa sob a supervisão da professora Maria Odila Leite. Logo após a renovação, que implicava em uma viagem de pesquisa, abriu o concurso aqui na USP, no qual fui selecionado.

**DCS: A experiência da PUC foi bastante interessante para vários professores aqui do Departamento de História.**

JGVM: Creio que sim! Hoje há um bom número de professores que passou por lá, seja como aluno ou professor, mas somente cada um deles pode te responder com clareza, pois essas experiências são muito particulares! Ela era um caminho alternativo a ser feito nos anos 70 e 80, época em que a História daqui ainda sofria as consequências das perseguições políticas feitas à USP.

## ***ENTREVISTA COM LÍSIAS NOGUEIRA NEGRÃO***

POR DANIEL CANTINELLI SEVILLANO

ALUNO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM PROJETO SOBRE OS 70 ANOS DA FFLCH

SOB ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR SEDI HIRANO

O entrevistado é professor do Departamento de Sociologia.

**Daniel Cantinelli Sevillano: Em que ano você entrou na Faculdade?**

Lísias Nogueira Negrão: Eu entrei em 1964, uma data negativamente significativa para a história do país. Eu fiz minha graduação entre os anos de 1964 e 1968, anos entre a eclosão do golpe e o AI-5, ou seja, vivi esses anos particularmente difíceis na Faculdade de Filosofia. Eu participei de toda a movimentação contra o regime desde o início, em especial durante aquele episódio da ocupação do prédio da Maria Antonia pelos estudantes. Acompanhei os confrontos entre alunos da Faculdade de Filosofia e os alunos do Mackenzie; presenciei a morte do estudante e a passeata que se seguiu. O professor Erwin Rosenthal, Diretor da Faculdade em 1968, deu or-

dens para que o bedel da Faculdade fechasse as portas e não deixasse ninguém entrar; foi a professora Maria Isaura Pereira de Queiroz que se postou em frente à porta e disse que ele não ia fechar coisa nenhuma. Muitos alunos ao retornar se esconderam dentro dos bares da rua, cujas portas estavam sendo forçadas pela polícia para os espancar e prender. Eu estava escondido no prédio da frente, que era uma pensão feminina, e minha namorada estava comigo.

Eu lembro que eu tinha chegado à Faculdade pela manhã, e estava conversando com a professora Maria Isaura, quando chegou o professor Antonio Candido. No meio de nossa conversa, passou uma multidão carregando um corpo, do rapaz que havia sido morto. Eu fiz parte daquela movimentação toda, cheguei a ser uma espécie de segurança que ficava na porta da Faculdade evitando



a entrada indiscriminada de qualquer um e para evitar que professores fossem barrados. Só que eu não conhecia a liderança do movimento estudantil muito bem, e quando vi um sujeito grande, cabeludo, que vestia um casaco preto (pareceu-me o próprio Antonio das Mortes, personagem de Glauber Rocha), entrando na Faculdade eu desconfieei e perguntei onde ele ia. Depois eu vi que era o José Dirceu que estava ali na minha frente.

Eu lembro que estava em Goiânia realizando uma pesquisa de campo, e soube da prisão daquela informante, conhecida como Maçã Dourada, que morava naquela pensão que eu te falei, e ela era uma das companheiras da minha namorada.

**DCS: Mas você chegou a participar de grupos clandestinos?**

LNN: Nunca, minha participação se restringiu a passeatas, mobilizações, etc. Tive colegas que participaram desses grupos, mas eu não participei. Apesar de ser completamente contra o regime, eu já me sentia totalmente atraído pela vida acadêmica, e não pensava em abandonar tudo para submergir na clandestinidade.

**DCS: Você tinha participação política antes de entrar na faculdade?**

LNN: Muito pequena. Eu morava em Bragança Paulista, e lá existia um grupo chamado LUB, Liga Universitária Bragantina, que ia na linha do Movimento Estudantil da época, de promover movimento de alfabetização e conscientização. Eu participei das atividades dessa Liga; a gente divulgava os escritos e até as músicas da UNE na época. Eu ainda era secundarista na época, mas meu irmão mais velho estava mais envolvido nesse Movimento, tanto que quando houve o golpe em 1964 eu e ele tivemos que sair de Bragança, porque lá havia um grupo de fazendeiros que queriam entrar na repressão de fato, e curiosamente foi um delegado que segurou esse grupo.

**DCS: Você começou a dar aulas na Faculdade de Filosofia logo que se formou?**

LNN: Eu me formei em 1967, e no ano em que comecei a fazer Pós-Graduação, 1968, fui nomeado instrutor voluntário, ou seja, eu dava aulas de graça. Em 1969 eu fui indicado pela professora Maria Isaura, minha orientadora, para coordenar uma equipe de pesquisa na área de Sociologia em Salvador, num curso que era chamado Curso Interdisciplinar do Recôncavo Baiano, onde fiquei um ano. Era um curso feito através de um convenio entre a Universidade Federal da Bahia e o Instituto de Estudos

Brasileiros da USP. Foi uma situação muito estranha, porque eu estava no Mestrado e coordenava um grupo de alunos também do Mestrado.

Eu fui contratado de fato para dar aulas na Faculdade de Filosofia em julho de 1970. Em 1973 eu defendi minha tese de Doutorado, e ganhei certa independência acadêmica para dar meus próprios cursos.

**DCS: Como era o clima na Faculdade devido à repressão militar?**

LNN: Era um clima muito pesado, especialmente a aposentadoria de muitos dos professores que eram símbolos do curso de Ciências Sociais, como Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso e Octavio Ianni. Mas mesmo nesse clima de medo e repressão nós continuamos a dar as nossas aulas e a fazer nossas pesquisas.

Eu tive a oportunidade de sentir o que a ditadura tinha feito na sociedade quando fui fazer uma pesquisa de campo na cidade de São Caetano, em que eu entrevistava uma série de pessoas. Eu ia de casa em casa, e vi como os indivíduos tinham certo receio de falar abertamente de alguns assuntos, ainda mais com um desconhecido, pois tinham medo de que eu poderia ser alguém ligado ao regime. Nós estávamos sujeitos também ao medo que o regime impunha nas pessoas: numa oportunidade, nosso chefe de departamento, professor Ruy Coelho, foi preso pela polícia, e alguns professores tiveram medo de assinar um manifesto em favor dele. Isso mostra como nós também estávamos imbuídos desse medo.

Manter a Faculdade funcionando era uma forma de resistir ao regime, de impedir que ele tomasse conta daquele espaço acadêmico.

**DCS: Você participou do projeto de divisão do antigo departamento de Ciências Sociais nos anos 80?**

LNN: Participei bastante. Nessa época eu era professor doutor mas eu já tinha uma vida acadêmica bastante intensa. Na época, eu era responsável pelo curso de graduação em Ciências Sociais.

A área de Sociologia representava mais da metade dos professores do departamento, e por isso as outras duas áreas – Ciência Política e Antropologia – geralmente acusavam a área de Sociologia de ‘mandar’ no departamento. Mas havia questões de ordem pessoal nessa tentativa de dividir o departamento em outros três.

Mais recentemente, tive a oportunidade de servir ao Departamento de Sociologia exercendo a sua vice chefia, por 4 anos e sua chefia, por outros 4 (entre 1997 e 2004) Fui vice quando o chefe era o Prof. Sedi Hirano e chefe

quando o mesmo professor tornou-se Diretor da Faculdade. Foram anos difíceis, muito conflituosos, com longas greves (inclusive a mais longa delas, quando os alunos lutaram pela ampliação do número de docentes). Fui vaiado e desacatado por alunos em assembleias quando eu e outros colegas tentávamos pôr fim a uma greve que se eternizava em impasse e acusado de traidor por colegas que defendiam a sua continuidade. Não foram anos fá-

ceis, com muita tensão e grandes esforços, sem muito resultado. Contudo, creio não ter passado o Departamento pior do que o recebi, tendo preservado as conquistas e inclusive as ampliado, tal como o aumento do número de docentes, melhorias no conjunto didático, reformas curriculares que aumentaram a fluidez dos alunos pelo Curso e os melhor capacitou ao exercício da profissão e a manutenção de um clima acadêmico tranquilo e produtivo.

## ***ENTREVISTA COM MICHAEL LÖWY***

POR DANIEL CANTINELLI SEVILLANO

ALUNO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM PROJETO SOBRE OS 70 ANOS DA FFLCH

SOB ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR SEDI HIRANO

O entrevistado é formado em Ciências Sociais pela USP e fez parte do Seminário de Marx nos anos 50.

**Daniel Cantinelli Sevillano: Gostaria que você me falasse um pouco sobre sua formação acadêmica.**

Michael Löwy: Eu entrei em Ciências Sociais na USP em 1956, se não me engano. As matérias de Sociologia eram as que mais me interessavam, e fui aluno de Fernando Henrique, Octavio Ianni, Antonio Candido, Florestan Fernandes e Aziz Simão, professores que marcaram a minha formação.

Antes de entrar na universidade eu já me interessava pelo marxismo, já tinha uma militância política, e minha maior preocupação nesses anos era como compatibilizar meu compromisso marxista com a luta operária com o aprendizado de Sociologia na universidade.

**DCS: Você me disse que se interessava pelo marxismo antes de ingressar na universidade. De onde veio esse interesse?**

ML: Ele veio, em parte, através do meu irmão, que já tinha tido contato com o socialismo. Através dele eu conheci Paul Singer, que foi um pouco meu orientador intelectual e político. Eu comecei a militar em vários grupos inspirados pelas idéias de Rosa Luxemburgo juntamente com o Paul Singer. Eu já tinha uma certa formação político-intelectual anterior à minha entrada na Faculdade.

**DCS: Quando você entrou no curso de Ciências Sociais a Faculdade já estava na Maria Antonia. Como era esse ambiente?**

ML: Era uma faculdade pequena, com classes bem pequenas, mas havia uma efervescência política muito gran-

de. Eu tenho uma lembrança simpática desses anos da Maria Antonia, do clima, das relações entre alunos e professores.

**DCS: Você participou do Movimento Estudantil?**

ML: Participei, eu fazia parte da União Estadual dos Estudantes, e tinha um trabalho específico junto com os operários, algo que nós chamávamos Aliança Operária Estudantil. Eu representava a UEE junto aos sindicatos. Eu assistia a reuniões do Pacto de Unidade Inter-Sindical em nome da UEE, e muitas vezes eu assinava protestos sindicais em nome da UEE. Meu papel no Movimento Estudantil era fazer essa ponte com o movimento sindical.

**DCS: Qual a relação do ME com o operariado?**

ML: Em geral, havia uma tendência de esquerda, alguns eram ligados ao Partido Comunista, outros eram cristãos de esquerda, e havia um acordo de que era importante o ME se relacionar com o movimento operário e os sindicatos. Era uma coisa meio superestrutural, não é que houvesse uma participação de muitos estudantes nos sindicatos; era algo mais ligado às instituições dos dois movimentos.

**DCS: Mas os estudantes procuravam “formar” o operariado com as teorias marxistas?**

ML: Muitos poucos tinham essa preocupação, só aqueles que eram militantes mesmo ou do Partido Comunista ou de outros grupos de esquerda. Os estudantes em geral não tinham essa preocupação; eles podiam achar interessante que a UEE apoiasse uma greve dos operários, mas essa preocupação de levar a teoria marxista para

os sindicatos só era compartilhada por um pequeno grupo de estudantes, especialmente aqueles que trabalhavam com teatro e organizados em grupos políticos.

**DCS: Como surgiu a idéia do Seminário de Marx?**

ML: Possivelmente foi o Fernando Henrique ou o Octavio Ianni que teve essa idéia, e a partir daí se convidou uma série de professores com quem eles tinham afinidade intelectual, e um ou outro estudante. E aí começamos a nos reunir, acho que a primeira reunião foi na casa do Giannotti.

**DCS: Mas as teorias marxistas eram ensinadas no curso de Ciências Sociais ou os alunos tinham que procurá-las fora do curso?**

ML: Não eram diretamente ensinadas. O que professores como Fernando Henrique, Octavio Ianni, Aziz Simão e Antonio Candido ensinavam tinham muito que ver com a teoria marxista, mas não era apresentado na forma de teoria marxista, mas como análise das classes sociais, de castas, estamentos e classes sociais. Não havia um ensino do marxismo em si.

**DCS: O grupo era mais teórico do que prático.**

ML: Absolutamente. O grupo tinha um pouco a preocupação de fazer algo que não podia ser feito dentro da universidade; não havia condições de se fazer um estudo de Marx na universidade naquele período. Apenas um estudo comparativo entre Marx e Durkheim, como o Florestan fazia.

Nossa preocupação não era dar uma saída política, mas tentar entender melhor as idéias de Marx, com a idéia de que isso poderia ajudar a entender melhor o Brasil. Como diz o Roberto Schwarz no ensaio que ele escreveu sobre o Seminário, havia aquela reação de hostilidade ao tipo de pensamento nacionalista e desenvolvimentista que era típico da esquerda no Rio de Janeiro. Um pouco em reação a esse grupo nós decidimos nos voltar para Marx, para a leitura de suas principais obras e tentar entender a realidade brasileira sem ter uma visão que considerávamos vulgar, superficial, nacional-desenvolvimentista ou do Partidão.

**DCS: Mas o grupo era também uma tentativa dos assistentes de subverter a ordem dos catedráticos.**

ML: Era, de fato, uma manifestação de jovens assistentes contra a ordem dos catedráticos dentro da universidade.

**DCS: Você era filiado ao Partido Comunista?**

ML: Não, nunca fui filiado. Primeiro, militei um tempo no

Partido Socialista, de onde sai e fui para um pequeno grupo marxista chamado Liga Socialista Independente. A identidade do grupo era dada um pouco pelo marxismo de Rosa Luxemburgo, a oposição ao que a gente chamava de estalinismo, o marxismo do Partidão e do Partido Comunista da União Soviética.

**DCS: Como o relato de Krushev em 1956 foi recebido pela esquerda brasileira?**

ML: Para nós era apenas a confirmação de algo que nós já sabíamos há muito tempo, algo que Rosa Luxemburgo e Trotsky já haviam denunciado há anos. O relatório mostrava a superficialidade da análise do Krushev, mas já era um passo à frente.

**DCS: Você se formou em que ano?**

ML: Em 1960.

**DCS: E você começou a pós-graduação logo em seguida?**

ML: Não, porque eu já dava aulas em São José do Rio Preto enquanto fazia a licenciatura. Quando terminei a licenciatura, eu solicitei uma bolsa para estudar na França com Lucien Goldmann. O tema de minha tese foi "A teoria da revolução no jovem Marx", recentemente traduzida no Brasil e publicada pela editora Vozes em 2004.

**DCS: Você fez o doutorado lá e voltou depois?**

ML: Não, eu terminei o doutorado, daí veio o golpe e eu decidi ficar por lá mesmo.

**DCS: Você acompanhou o maio de 68 em Paris?**

ML: Nesse momento eu estava na Inglaterra, e voltei para Paris em junho. É importante dizer que havia uma série de marxismos na França que deram origem ao movimento de 68, que obviamente não saiu do nada.

**DCS: O que o movimento de 68 mudou nas universidades francesas?**

ML: Primeiro, obrigou o governo a fazer uma reforma universitária, em parte para dividir os estudantes; a Sorbonne foi dividida em 10 pedaços para evitar a concentração estudantil. O Movimento Estudantil continuou presente nas universidades nos anos seguintes, e um pouco mais para frente uma parte dessa geração começou a entrar nas universidades como professores.

## **ENTREVISTA COM MARIO MIGUEL GONZÁLEZ**

POR DANIEL CANTINELLI SEVILLANO

ALUNO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM PROJETO SOBRE OS 70 ANOS DA FFLCH

SOB ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR SEDI HIRANO

O entrevistado é chefe do Departamento de Letras Modernas.

**Daniel Cantinelli Sevillano: Gostaria que você me falasse sobre sua formação acadêmica.**

Mario Miguel González: Eu me formei na Universidade Católica de Córdoba, na Argentina, no curso de Letras. Córdoba é uma cidade que tem uma longa tradição universitária, já que a atual Universidade Nacional de Córdoba foi fundada pelos jesuítas em 1613. A cidade de Córdoba foi produto da colonização espanhola ligada à colonização do Peru, diferente daquela que fundou Buenos Aires e que foi complementada pela que aconteceu nos séculos XIX e XX, ligada à imigração europeia, e que representa, no conjunto, um tipo de colonização diferente daquela do resto da América Latina, em geral.

Eu me formei na especialidade que aqui seria a de Vernáculos, e tive a sorte de, logo depois de formado, em 1964, ganhar uma bolsa para fazer cursos de Pós-Graduação em Literatura Espanhola, na Universidade de Madri. Em Madri, fiquei morando por três anos numa residência de estudantes hispano-americanos, o “Colegio Mayor Guadalupe”, sobrevivendo depois com outras bolsas (como a da “Escuela de Investigación Lingüística”) ou sem elas, na tentativa de redigir minha tese.

Viver na Espanha (mesmo que fosse na Espanha de Franco) foi uma experiência muito interessante para minha formação como professor de Literatura Espanhola. Eu decidi aproveitar também para conhecer a Espanha o melhor possível. Percorri o país inteiro, nos fins de semana, feriados e férias, em boa parte numa moto que consegui comprar e dormindo numa barraca de camping, o que foi muito bom para poder falar depois aos meus alunos sobre a cultura espanhola.

Além de ter morado no Guadalupe, onde conheci estudantes de pós-graduação de todos os países da América Latina, cabe dizer que do lado do Guadalupe ficava a Casa do Brasil. Tive a oportunidade de passar muitas horas na Casa do Brasil, onde literalmente descobri este país. Havia um número muito grande de atividades culturais lá, o que foi me mostrando aos poucos o que era a cultura brasileira, e tudo isso me fascinou. Depois de três

anos na Espanha, eu tive que voltar para a Argentina, sem ter ainda redigido minha tese de doutoramento, para ver morrer meu pai que estava muito doente. Precisei, então, tomar uma decisão: ou ficava na Argentina – onde os militares tinham dado um golpe em 1966 e era absolutamente impossível ficar na universidade que já sofria com a repressão da ditadura –, ou ia redigir minha tese na Universidade Católica de Lovaina, de quem ganhara uma bolsa, ou partia ao estrangeiro. Tinha mais de uma oferta nesse sentido. Mas decidi aceitar a que me trouxe ao Brasil em 1968: graças à indicação de colegas conhecidos na Espanha, vim dar aulas de Língua Espanhola na Escola de Comunicações Culturais da USP, que acabara de ser criada, e cujo Diretor, o professor Julio García Morejón, era Catedrático de Espanhol na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras. Cheguei em abril de 1968 e comecei a trabalhar como Instrutor em Tempo Parcial, recebendo o menor salário da USP, que equivalia então a por volta de 200 dólares da época. No mesmo ano de 1968, o professor Morejón chamou-me para dar aulas de Literatura Espanhola na FFCL. Assim, cheguei a lecionar na Maria Antonia e, a partir de 1969, passei a trabalhar em Turno Completo. Obtive o Tempo Integral no fim de 1971 e, a partir de então, pude trabalhar exclusivamente na FFLCH como professor de Literatura Espanhola.

Vim para o Brasil na expectativa de que a ditadura desse lugar a um regime democrático, expectativa que foi sepultada com o AI-5, no final daquele ano. A ditadura, no entanto, não interferiu de forma direta nos cursos do que seria logo depois o Departamento de Letras Modernas, talvez porque ao menos alguns dos catedráticos nele incluídos pudessem ser considerados confiáveis pelo regime. Mas eu devo dizer que nunca fui incomodado pessoalmente pela repressão, nunca deixei de dar algum autor ou obra. O que eu fazia muitas vezes na sala de aula, onde havia conhecidos espíões, era falar da Espanha de Franco mas com um pé no Brasil daquele período.

**DCS: Você defendeu seu Doutorado na USP então.**

MMG: Sim. Aproveitando os créditos obtidos na Espanha, em junho de 1970, defendi o mestrado, por uma questão formal. E, em março de 1973, defendi minha tese “El

conflicto dramático en *Bodas de Sangre*, de Federico García Lorca”, depois publicada pela Faculdade.

**DCS: Você viveu sob três ditaduras.**

MMG: Além de ter vivido a experiência do autoritarismo peronista, vivi sob sucessivos golpes militares na Argentina, e também sob o franquismo e sob a ditadura militar brasileira.

**DCS: Como foi viver sob o franquismo?**

MMG: O franquismo foi terrível em todos os aspectos. Foi uma ditadura que se inspirava explicitamente na Espanha dos Reis Católicos, na Espanha de Felipe II, numa Espanha intolerante em que se ignoravam por completo as diferenças culturais. A Espanha, que se formou através de uma confederação de reinos medievais, é um país com grandes diversidades culturais, e Franco procurou calar essas diferenças. Havia um modelo centralizado e antidemocrático que devia ser obedecido, e Franco não permitia nada diferente desse modelo.

Quando a Guerra Civil espanhola terminou, o melhor da intelectualidade espanhola saiu do país, e os que ficaram na Espanha ou apoiaram o regime ou tiveram que se calar. Acredito que o teatro foi a arte que mais sofreu com isso, porque era extremamente controlado pelo regime, por ser uma arte voltada para as massas. As pessoas só podiam ver peças sem-conseqüência, como clássicos e comédias banais. Não havia nenhum tipo de representações teatrais com qualquer sentido mais crítico. Viver nessa Espanha foi uma experiência válida, porém bastante sufocante.

Eu acho que ainda vai levar um tempo para que a cultura espanhola recupere o auge artístico e cultural da época da República. Havia, nos anos 30, uma convivência de artistas, intelectuais e escritores de altíssimo nível, coisa que se perdeu com o franquismo.

**DCS: Você conheceu o poeta Dámaso Alonso?**

MMG: Fui seu aluno. Uma vez, eu e alguns colegas tivemos o atrevimento de perguntar-lhe o que ele achava da situação na Espanha, e ele disse que havia três tipos de intelectuais espanhóis: os que tinham saído da Espanha, os que tinham permanecido e concordavam com o regime e os que tinham ficado e se calavam, como ele. Claro que podemos discutir essa atitude de ficar e calar-se, mas acho que isso não vem ao caso agora. Acho que ele estava acostumado com sua vida em Madri, e não conseguiria deixar a Espanha. Mas ele nunca se mostrou favorável ao franquismo.

**DCS: Parece que houve uma série de problemas na Área de Espanhol nos anos 70.**

MMG: Em fins de 1968, houve uma briga entre o catedrático de Espanhol e alguns dos professores mais titulados da cadeira, por motivos que eram tanto pessoais como políticos. Por razões pessoais, logo depois, outros professores já doutores acabaram indo embora. No início dos anos 70, restamos uns poucos Auxiliares de Ensino, além do antigo Catedrático, o que nos obrigou a todos a fazer nossa carreira e obter o doutorado para poder dar andamento ao programa de pós-graduação em Espanhol. Isso só foi possível em 1978.

**DCS: Como o fim do franquismo afetou o curso de Espanhol?**

MMG: A morte de Franco e o fim de seu regime não afetaram o curso de Espanhol. Pelo contrário, para nós, o fim do governo do Franco foi muito importante, no sentido de que representava a volta à democracia de um país com o qual nos estávamos ligados culturalmente pelo nosso trabalho. Eu lembro que estava num Congresso em Águas de São Pedro, e li no jornal de 26 de outubro de 1975 duas notícias: uma, que tratava do ‘suicídio’ de Vladimir Herzog, e outra que tratava da doença terminal de Franco. A morte de Herzog e a doença de Franco representaram o começo do fim das ditaduras no Brasil e na Espanha.

Depois, em 1979, eu recebi uma bolsa do CNPq para estudar na Espanha um autor com quem eu já estava trabalhando (pensando na livre-docência), o poeta Antonio Machado, que morreu no exílio e que, de alguma maneira, foi, assim, tão assassinado pelo franquismo quanto García Lorca. Quando cheguei lá, vi que já havia muitos mais trabalhos do que eu imaginava sobre o tema que eu pretendia (“O Modernismo hispânico em Antonio Machado”) e que o resultado de minha pesquisa seria uma colcha de retalhos. Mas lá descobri também que poderia levar adiante um projeto, bem mais original, sobre o romance picaresco espanhol e suas correspondências na literatura brasileira. Assim, junto com a pesquisa sobre Machado, destinada agora a alimentar cursos de pós-graduação, levantei, fotocopiei e adquiri todo o material bibliográfico possível sobre o romance picaresco. Essa bolsa me permitiu, também, acompanhar parcialmente mas de perto o processo de redemocratização da Espanha.

Quando voltei ao Brasil, passei a dar cursos de pós-graduação sobre Machado, mas também sobre o romance picaresco espanhol e manifestações vinculadas ao romance malandro brasileiro, como por exemplo *Memórias de um sargento de milícias* e *Macunaíma*. Minhas

pesquisas sobre esse assunto deram na minha tese de livre-docência (“A saga do anti-herói”), em 1993, publicada no ano seguinte. Em 1996 eu me tornei professor titular de Literatura Espanhola.

**DCS: Você está na chefia do DLM há quase dois anos. O que poderia falar sobre o DLM?**

MMG: Chefiar o DLM está sendo uma experiência muito boa. Trata-se, na verdade, de coordenar cinco pequenos Departamentos, já que cada uma das cinco Áreas tem, em média, contando os aposentados que colaboram, quase quinze docentes, número que poderá chegar perto dos dezessete com os claros concedidos e esperados. Cada Área tem uma grande autonomia, devendo respeitar as decisões comuns, tomadas pelo Conselho Departamental que funciona aberto a todos os docentes. Por sua vez, temos que atender à leitura transversal do DLM, levando em conta as três especialidades atendi-

das por cada uma dessas Áreas: Língua, Literatura, Tradução. A história do DLM é uma história de reivindicações, desde aquela de funcionar democraticamente até a de contar com os docentes e funcionários imprescindíveis e com um número cargos de professor titular proporcional ao seu tamanho e adequado à diversidade de especialidades do Departamento. É também a história de uma opção por sustentar programas de pós-graduação muito específicos a partir de um número reduzido de docentes em cada um deles. Foi um prazer contar com o apoio dos colegas e da Diretoria da Faculdade para que, nestes dois anos, avançássemos em todos esses sentidos. O resultado dessa história é um Departamento harmônico, sem maiores conflitos – cujos docentes colaboram também com absoluta liberdade em projetos de outros Departamentos – com excelente produção e com a perspectiva de crescer muito, especialmente no segmento da Tradução.

## DOUTORADO

### *MARIA CRISTINA VIANNA KUNTZ*

**DEPARTAMENTO:** Letras Modernas

**PROGRAMA:** Língua e Literatura Francesa

**TÍTULO:** “Uma trajetória da mulher: Desejo infinito”

**ORIENTADORA:** Maria Cecília Queiroz de Moraes Pinto

**BANCA:** Profas. Dras. Cleusa Rios Pinheiro Passos (FFLCH); Veronica Galindez Jorge (FFLCH); Mára Lúcia Faury (PUC-SP); Norma Wimpe (UNESP)

#### Resumo

O presente estudo propõe-se ao exame de quatro romances de Marguerite Duras: *Moderato Cantabile* (1958), *Le Ravissement de Lol V. Stein* (1964), *Le Vice-Consul* (1965) e *L'Amour* (1971). O primeiro marca uma nova forma de expressão na obra da autora; os demais fazem parte do chamado “Ciclo da Índia” ou “Ciclo de Lol”. A seqüência desses romances apresentam uma trajetória da mulher na mundividência de Duras. Ao mesmo tempo, verificou-se uma transformação em sua escrita rumo à fragmentação e à rarefação, rumo a um “silêncio eloqüente”.

A estrutura das **narrativas especulares** em *Moderato Cantabile* e *Le Vice-Consul* mostrou-se fundamental para atingir-se a abrangência da significação dos romances. Em *Le Ravissement de Lol V. Stein* e *L'Amour*, o exame da “*intertextualité autarcique*” ou “*autotextualité*” levou-nos a um

aprofundamento “*en abyme*” da significância desses romances. A transmigração dos personagens nesse Ciclo de Lol contribui para estabelecer um elo entre as diversas obras da autora, bem como adentrar em seu mundo ficcional. Revela-se, pois, a elaboração do “desejo infinito” da escritora. O estudo dos **Espaços** desses romances mostrou-se de grande importância uma vez que correspondem aos percursos das personagens, às respectivas estruturas dos textos e seus significados.

Na Segunda parte do trabalho, observou-se “**a palavra sob o véu do silêncio**”. A partir de *Moderato Cantabile*, verifica-se a primazia da escrita e do poético em detrimento da intriga; nos romances do Ciclo de Lol, intensifica-se esse processo até chegar-se ao clímax da rarefação da escrita em *L'Amour*.

Nosso trabalho focaliza, portanto, o estudo de alguns aspectos estruturais e ficcionais dos romances. Deste modo, revelam-se as personagens que, *en abyme*, aprofundam o significado da obra da autora. **A trajetória da mulher**, nesses romances, coincide com a trajetória da escrita da autora rumo ao “**desejo infinito**”.

**Palavras – chave:** Marguerite Duras, Literatura Francesa, a mulher, o desejo, narrativa especular.

## PRODUÇÃO DA FACULDADE



### **ANGOLA E MOÇAMBIQUE – EXPERIÊNCIA COLONIAL E TERRITÓRIOS LITERÁRIOS**

**RITA CHAVES**

“Conhecer a África é, sem dúvida, abrir os olhos a matrizes que nos compõem, que interferem em nosso modo de ser, em nossa forma de estar no mundo. Perceber as similitudes e as diferenças é um dos objetivos que anima o estudioso e esteve presente no desenvolvimento de algumas reflexões que têm lugar nesses artigos.”

Ateliê Editorial – [www.atelie.com.br](http://www.atelie.com.br)

### **FRAGMENTOS DE UMA DEUSA – A REPRESENTAÇÃO DE AFRODITE NA LÍRICA DE SAFO**

**GIULIANA RAGUSA**

Afrodite é uma das mais vivas divindades da Grécia antiga em nosso imaginário. A ela, contudo, foi fixado o rótulo fácil de “deusa do amor e da beleza”. Neste livro, Giuliana Ragusa, centrando-se na lírica arcaica de Safo, a célebre poeta da ilha de Lesbos (século VII-VI a.C.), redimensiona a imagem de Afrodite, complexa e multifacetada, percorrendo, além da literatura, a história, a religião, a arqueologia e a iconografia gregas. Desse trajeto resultam cuidadosas análises, interpretações e traduções dos poemas selecionados, ou melhor, dos fragmentos poéticos que chegaram até nós. Assim, o leitor, especializado ou não, aqui encontrará um denso e estimulante estudo, apresentado em linguagem clara e agradável, da fragmentária, porém rica, representação sáfica de Afrodite.

Editora da UNICAMP – [www.editora.unicamp.br](http://www.editora.unicamp.br)



### **REVISTA DE HISTÓRIA Nº 152**

É com satisfação que apresentamos o número 152 da Revista de História, que traz um conjunto de artigos de amplo escopo, enfocando temas tão variados quanto atuais aos nossos debates dos historiográficos. De fato, a variedade das filiações acadêmicas e institucionais dos autores dos artigos que aparecem neste número e as diferentes abordagens neles encontradas confirmam, mais uma vez, o caráter eclético da Revista de História.

Associação Editorial Humanitas – [www.fflch.usp.br/humanitas](http://www.fflch.usp.br/humanitas)

## A BÍBLIA HEBRAICA COMO OBRA ABERTA – UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR PARA UM SEMIOLOGIA BÍBLICA

ELIANA BRANCO MALANGA



Não se costuma fazer o estudo da Bíblia como um fenômeno de comunicação, embora ela seja o livro mais vendido no mundo desde o surgimento da imprensa. Percebe-se a importância da Bíblia na sociedade ocidental, inclusive na contemporânea. Pode-se também notar a pluralidade de interpretações que dela se fazem, mesmo em uma só religião. Algumas vezes totalmente fora do contexto original, mas, outras vezes, utilizando possibilidades interpretativas geradas pelas ambigüidades do texto.

Este trabalho pretende demonstrar como é possível à semiologia ser um instrumento útil para o estudo científico da Bíblia. O conceito de “obra aberta” de Umberto Eco, que designa a obra artística, é aqui empregado para entender como pôde a Bíblia Hebraica sobreviver por séculos, sendo lida e apreciada por milhões de pessoas, não necessariamente judias. Em razão da estrutura poética da linguagem usada em muitas partes dos textos bíblicos, eles são “abertos” e podem ganhar novos significados a cada geração. Ser “aberto” significa admitir muitas possi-

bilidades de significado para o mesmo texto.

O Tanach (Torah, Neviim, Ketuvim), ou Bíblia Hebraica, é composto de poesia, prosa poética, mitos, história, histórias pessoais e leis, cada um com diferentes graus de abertura de significado. Poesia, prosa poética e mitos permitem muito mais possibilidades de interpretação que leis ou histórias, mas necessitam de interpretação para se tornarem claros e aplicáveis, pois a sociedade que lê o texto é muito diferente daquela que o escreveu.

Associação Editorial Humanitas – [www.fflch.usp.br/humanitas](http://www.fflch.usp.br/humanitas)

## QUINTILIANO GRAMÁTICO

MARCOS AURÉLIO PEREIRA

*Quintiliano gramático* visa apresentar e comentar os “capítulos gramaticais” do primeiro livro da *Institutio oratoria* (“A formação do orador”), uma das obras-mestres da Retórica antiga a chegar até nós. Neles, Quintiliano (ca. 30-96 d.C.) trata especificamente das funções do *grammaticus*, o profissional a quem cabia ministrar ao orador, na antiga Roma, conhecimentos relativos ao “bom” uso da linguagem, partindo do estudo daqueles textos em que ela melhor se realizava – os textos poéticos, históricos e oratórios – cuja explicação também era sua incumbência. Tendo em vista a importância assumida, na Antigüidade, pela palavra pronunciada, entende-se como se exigia do orador que, antes mesmo de saber discursar, conhecesse o instrumento de que se servia, empregando todos os recursos expressivos que este lhe facultava para, como era seu papel, convencer.

É, portanto, como auxiliar da Oratória e da Retórica que a Gramática figura no tratado de Quintiliano, sendo posterior sua independência como disciplina que visava à descrição ou à sistematização, autônomas, dos fenômenos da língua. Partindo de um exame da concepção de linguagem dos antigos, fundada numa reflexão filosófica depois transformada em disciplina gramatical, o trabalho procura focalizar o próprio conteúdo da obra de Quintiliano, cujo papel na história dos estudos lingüísticos posteriores costuma ser ignorado. Destinado aos estudiosos da Gramática e da Retórica, mas também a todos aqueles que se interessam pela Antigüidade, de modo geral, e pela linguagem e seu estudo, em particular, o trabalho resulta de uma dissertação de Mestrado, apresentada em abril de 1997 ao programa de pós-graduação em Letras Clássicas da FFLCH. Seu autor é, atualmente, professor de latim do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP.



Associação Editorial Humanitas – [www.fflch.usp.br/humanitas](http://www.fflch.usp.br/humanitas)





## A LÍNGUA QUE FALAMOS

ORGANIZAÇÃO: LUIZ ANTÔNIO DA SILVA

O que os lingüistas têm a nos dizer sobre o português? Dez especialistas discutem temas que vão do português do século XIII até o hipertexto. Excelente conjunto de estudos - escritos de forma didática - cujos argumentos se aplicam à realidade lingüística do Brasil

No final dos anos 1990, teve início um movimento para a reformulação e a modernização do curso de Letras na Universidade de São Paulo. Em 1999, foi introduzido o ciclo básico de estudos, com novas matérias nas áreas de língua portuguesa, lingüística, estudos literários e estudos clássicos que previam uma formação, mais sólida para os graduandos: Para língua portuguesa, em especial, foram criadas duas novas, disciplinas para atender a esses objetivos: Introdução ao Estudo de Língua Portuguesa (IELP) I e II. Em IELP I, o aluno teria noções, sobre a formação histórica do português, suas variedades lingüísticas, a situação do idioma no mundo e, em particular; no Brasil. Já em IELP II; uma visão geral sobre o processo de enunciação e noções de língua falada, este

último um vasto campo de estudos nas pesquisas lingüísticas da atualidade.

*A língua que falamos* nasce na esteira desse novo currículo. Mais do que uma obra de referência para a formação básica dos estudantes de Letras, o livro oferece aos consulentes abordagens ricas e variadas sobre fenômenos lingüísticos do português. Os estudiosos encontrarão neste volume desde um trabalho que focaliza um dos documentos não-literários mais antigos da língua portuguesa, a *Notícia de Torto*, do século XIII, até outro sobre textos construídos na Internet.

No segundo ensaio, "Conversação: modelos de análise", por exemplo, Luiz Antônio da Silva responde a uma série de reflexões sobre o termo *conversação* e aborda alguns modelos de análise propostos por estudiosos consagrados no meio acadêmico. Etimologicamente, *conversação* é um substantivo ligado ao verbo *conversar*, que procede do latim *conversare*, que significa "encontrar-se habitualmente num mesmo local". Esse termo é composto de *con-* (junto) e *versare* (dar voltas). Remete-nos, pois, à idéia de conviver com outras pessoas. A palavra *conversação* deriva do latim *conversatio, onis*, que significa convivência, ação de viver junto. A conversação é, pois, uma atividade em que duas ou mais pessoas interagem por meio da linguagem verbal e/ou não-verbal.

Outro exemplo: em "Reflexões sobre a argumentação no discurso político", quarto ensaio do volume, Zilda Gaspar Oliveira de Aquino apresenta conclusões perspicazes sobre o discurso de Fernando Henrique Cardoso, quando cumpria seu mandato de presidente da República. A autora acrescenta que o *corpus* para esse estudo compreende um discurso proferido na ONU, em 12 de novembro de 2001, e uma entrevista concedida a uma emissora de rádio de São Paulo - a Eldorado -, em 6 de maio de 2002.

O sexto ensaio trata de "A formação histórica do léxico da língua portuguesa". Elis de Almeida Cardoso estuda como o léxico português, de origem basicamente latina, se formou ao longo dos séculos.

Como se vê, a multiplicidade de assuntos permite que o livro desperte o interesse não só do estudioso mas de todos que queiram saber um pouco mais sobre a língua que falamos.

Sobre o organizador:

Luiz Antônio da Silva é doutor pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, onde leciona na área de filologia e língua portuguesa. Participa do grupo de pesquisadores do Projeto da Norma Urbana Culta da Cidade de São Paulo - NURC/SP e tem desenvolvido pesquisas na área de análise da conversação e sociolingüística.

Editora: Globo – [www.globolivros.com.br](http://www.globolivros.com.br)

## LÍNGUA E LITERATURA – Nº 26 - 2000

Revista anual dos Departamentos de Letras da FFLCH. Conta com diversas seções: artigos sobre assunto previamente fixado (eixo temático), artigos livres, resenhas, notícias, textos literários. A proposta temática do último número: A palavra e o homem. Seus colaboradores são docentes de Letras e de outros Departamentos, Unidades e Instituições e pessoas de reconhecido mérito.

Associação Editorial Humanitas – [www.fflch.usp.br/humanitas](http://www.fflch.usp.br/humanitas)



## ESTADO AUTORITÁRIO E IDEOLOGIA POLICIAL

REGINA CÉLIA PEDROSO



Este livro nos instiga a avaliar o papel da Polícia nos meandros da história política brasileira e a repensarmos as diretrizes constitucionais ligadas ao conceito de Segurança Pública. Ao analisar a formação do aparato repressivo, a autora recupera os conceitos de ordem e desordem como elementos importantes para compreendermos a prática da violência ao longo do século XX. Analisa a idéia de crime político e de crime social, construídos historicamente no arcabouço ideológico dos governos brasileiros abalados pelas ameaças possíveis de desordem. Cada momento histórico passa, assim, a ser interpretado dentro de um quadro específico de tensões, no qual a Polícia e o Sistema Penitenciário comportam um papel preponderante em relação ao ordenamento social que, neste início de milênio, deve ser repensado para o bem da cidadania e dos direitos individuais.

Associação Editorial Humanitas – [www.fflch.usp.br/humanitas](http://www.fflch.usp.br/humanitas)

## TIPOLOGIA DO SIMBOLISMO NAS CULTURAS RUSSA E OCIDENTAL

ORGANIZADORES: ARLETE CAVALIERE, ELENA VASSIMA E NOÉ SILVA

A presente coletânea de textos sobre o simbolismo nas culturas russa e ocidental constitui o resultado de um processo coletivo de reflexão teórica.

O intuito dessa obra é ampliar o espectro analítico do tema em questão e incorporar, também no bojo dessa discussão, aspectos do simbolismo brasileiro, nas suas relações com os movimentos russo e europeu.

Ensaio de renomados especialistas internacionais e nacionais conferem enfoques inovadores sobre o simbolismo à primeira parte desta coletânea, que pretende, em última análise, debruçar-se crítica e teoricamente sobre as possíveis conexões entre o simbolismo russo e o ocidental. A segunda parte, por sua vez, integra uma seleção de textos reflexivos de simbolistas russos, inéditos no Brasil e em tradução direta.

Este livro é um recorte analítico e contrastivo, que pretende localizar, para além de uma determinada escola literária e poética deste ou daquele país, um amplo movimento estético e artístico, fundador de um dos fenômenos mais decisivos no panorama da cultura no limiar do século XX, na Rússia e no ocidente.

Associação Editorial Humanitas – [www.fflch.usp.br/humanitas](http://www.fflch.usp.br/humanitas)



## DA ESPADA À ÁGUIA:

*Construção Simbólica do Poder e Legitimação Política de Napoleão Bonaparte*



RAQUEL STOIANI

Utilizando em sua análise conceitos como “representações” e “teatrocracia”, a autora mergulha nos bastidores da construção simbólica do poder de Napoleão Bonaparte. Privilegia alguns de seus aspectos, como a estruturação de uma imagem pública em associação com o fortalecimento e a legalização de seu governo, procurando entendê-los no interior do conflito entre inovação e conservação, ou seja, de distanciamento ou aproximação dos modelos e convenções de construção simbólica de poder já utilizados durante o Antigo Regime. Assim, apresenta e explora outros “Napoleões” e outros “Bonapartes” desconhecidos do público em geral.

Associação Editorial Humanitas – [www.fflch.usp.br/humanitas](http://www.fflch.usp.br/humanitas)



### **TRAÇOS MARCANTES NO PERCURSO POÉTICO DE MANUEL BANDEIRA**

**ORGANIZADORA: NORMA SELTZER GOLDSTEIN**

Este é o resultado de um percurso longo de leituras, estudos, conversas, reflexões, dedicação e amor ao trabalho de pesquisa coletiva, feito por estudantes de graduação em Letras, mais especificamente da Área de Filologia e Língua Portuguesa, sob o incentivo e a orientação da Profa. Norma Seltzer Goldstein, em torno da poesia de Manuel Bandeira. O objetivo da investigação é trazer dados importantes sobre a obra do escritor, bem como “apontar os poemas mais significativos” tanto para apreciadores de literatura, como para professores e estudantes que estejam em busca de caminhos novos para a leitura de poesia. O estudo evidencia como os “traços marcantes” reiterados nos versos bandeirianos indicam os poemas significativos e apoiam sua interpretação. Os quadros anexos visualizam esses “traços marcantes” em *Estrela da vida inteira* e sua alteração ao longo do tempo.

*Traços marcantes no percurso poético de Manuel Bandeira* lança-se como fruto de um trabalho de equipe, trazendo uma contribuição e um estímulo para novas investigações no âmbito dos estudos da área de Língua Portuguesa. Associação Editorial Humanitas – [www.fflch.usp.br/humanitas](http://www.fflch.usp.br/humanitas)

### **SELVAGENS E INCENDIÁRIOS – O discurso anticomunista do governo Vargas**

**JOÃO HENRIQUE BOTTERI NEGRÃO**

Este livro é um estudo específico sobre a intolerância política manifestada contra os comunistas durante o governo de Getúlio Vargas e, mais especificamente, no período correspondente à Guerra Civil Espanhola. Por meio de documentos oficiais e de matérias publicadas pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, o autor reconstituiu o mito do complô internacional comunista, que, durante décadas, colaborou para a propagação do medo fantasmagórico aos comunistas e para a legitimação do golpe que instituiu o Estado Novo brasileiro. Foi sob a promessa de combate aos comunistas que Vargas e Franco constituíram sua imagem de salvadores da Nação. Entre textos e imagens fotográficas, resgata a retórica anticomunista que transformou os adeptos do “credo vermelho” em seres selvagens e incendiários. Repressão, censura e propaganda política são alguns dos elementos analisados no contexto das notícias sobre o conflito espanhol.



Associação Editorial Humanitas – [www.fflch.usp.br/humanitas](http://www.fflch.usp.br/humanitas)



### **A INQUISIÇÃO CONTRA AS MULHERES – Rio de Janeiro, séculos XVII e XVIII**

**LINA GORENSTEIN**

Este livro examina a ação do Tribunal da Inquisição no Rio de Janeiro setecentista, onde cento e sessenta e cinco mulheres cristãs-novas foram presas, acusadas do crime de Judaísmo. Muitas pertenciam a famílias estabelecidas na cidade desde o início do século XVII, membros das camadas mais abastadas da sociedade fluminense, proprietárias de engenhos, partidos de cana e escravos. Analisa o cotidiano, a trama familiar e o drama particular deste grupo de mulheres. Descendentes de judeus, forjaram estratégias de sobrevivência para minimizar a intolerância que, em nome da fé católica, se fundamentava no mito da pureza de sangue. O livro de Lina Gorenstein, além de contribuir para os estudos inquisitoriais e do marranismo, acrescenta conhecimentos para a história da família e da mulher no Brasil colônia. Baseado em fontes inéditas, reconstituiu a tragédia que, ao longo de séculos, assolou as vidas dessas cristãs-novas tratadas como párias pelo Tribunal do Santo Ofício.

Associação Editorial Humanitas – [www.fflch.usp.br/humanitas](http://www.fflch.usp.br/humanitas)

## ***SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL***

Para ciência de todos os funcionários, docentes e alunos da Faculdade de Filosofia,  
Letras e Ciências Humanas da USP, informamos a alteração da denominação do

**Serviço de Divulgação e Informação para**

**“SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL”.**

Sua nova sigla no Proteos é SVCOMSOC – 08.

---

---

## **INFORME**

Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP

N. 22 – novembro - dezembro/2005

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
PRÉDIO DA ADMINISTRAÇÃO – RUA DO LAGO, 717  
CIDADE UNIVERSITÁRIA – CEP 05508-900  
TELFAX: 3091-4612 – FONE: 3091-4938



---

O Comitê Editorial do Informe encontra-se à disposição para o recebimento de material. Artigos devem, preferencialmente, conter 50 linhas de 70 toques e outras matérias (notícias, eventos etc) no máximo 10 linhas. Tel/Fax (0XX11) 3091-4612 e e-mail: [informe@usp.br](mailto:informe@usp.br)